

**Universidade Federal do Amapá – UNIFAP
Departamento de Letras e Artes – DEPLA
Graduação do Curso de Letras - Inglês**

**PROPOSTA DE UM PEQUENO GLOSSÁRIO BILÍNGUE A
PARTIR DA TRADUÇÃO DE ALGUNS CONTOS DE PAULO
TARSO BARROS PARA A LÍNGUA INGLESA**

**Caio César Lima de Freitas
João Evangelista Vieira Amorim**

Macapá-AP, janeiro de 2018

Universidade Federal do Amapá – UNIFAP
Departamento de Letras e Artes – DEPLA
Graduação do Curso de Letras - Inglês

Caio César Lima de Freitas
João Evangelista Vieira Amorim

Orientador: Prof. Me. Alvaro Tamer Vasques

PROPOSTA DE UM PEQUENO GLOSSÁRIO BILÍNGUE A PARTIR DA
TRADUÇÃO DE ALGUNS CONTOS DE PAULO TARSO BARROS PARA A
LÍNGUA INGLESA

Trabalho de pesquisa apresentado à Banca Examinadora do Curso de Letras – Inglês da Universidade Federal do Amapá como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso III.

Macapá-AP, janeiro de 2018

Instituição:

Universidade Federal do Amapá – UNIFAP
Departamento de Letras e Artes – DEPLA
Graduação do Curso de Letras - Inglês

Orientador:

Professor Mestre Alvaro Tamer Vasques

Acadêmicos:

Caio César Lima de Freitas
João Evangelista Vieira Amorim

Agradecimentos

Meus agradecimentos sinceros e infinitos à dona Maria dos R. Vieira Amorim, amor incondicional da minha vida.

Dedico este trabalho a Francisca Carvalho Soares e Antonio Vieira, meus avós maternos, que semearam a decência e a humildade de perseguir meus ideais. Aos meus irmãos, que me suportaram com coragem e me deram os sobrinhos mais maravilhosos do universo.

Aos professores que me incentivaram a buscar a carreira de docente: Maria da Paz “Pazinha” (professora da 1ª série), Maria de Jesus Rodrigues Fonseca (inspiradora da base letrada do Ensino Médio). Professor Rosivaldo Gomes, um exemplo de determinação, superação e vitória.

Professores Yázigi Macapá que me mostraram a independência linguística em língua estrangeira.

Kátia Regina Silva e Maria da Conceição Araújo Borges, duas mulheres que moldaram a dimensão entre trabalho, respeito e ética.

Ao nosso professor, orientador e amigo Alvaro Tamer Vasques, a referência de professor que todo mundo deveria e gostaria de ser.

In memoriam de Bruce Keven Mack, principal motivador da minha paixão pela língua inglesa.

João Evangelista Vieira Amorim

Agradeço aos meus pais pela paciência, preocupação e apoio no processo de execução desse trabalho. Agradeço também aos amigos próximos por sempre se interessarem em saber como estava o andamento do mesmo e principalmente pelas expressões de interesse diante do que eu falava sobre este.

Não podia deixar de agradecer ao profissional que de forma indireta me incentivou a entrar nesse universo fascinante que é o curso de Letras, o Professor Antonio Vicente “Lima” de Lima Ferreira.

Também agradeço ao Professor Alvaro Tamer Vasques, com seu semblante inspirador que fez com que eu obtivesse conhecimentos engrandecedores sobre a língua inglesa, os quais levarei sempre comigo.

E a outros professores de inglês que me ajudaram nessa caminhada: Roberval de Sousa e Silva e Pedro Guida.

Menção honrosa e de grande valia a outros profissionais que me ajudaram a amadurecer como pessoa e estudante das letras: Rosivaldo Gomes; Antônio dos Martírios Barros; Marcos Paulo Torres Pereira; Regina Lúcia da Silva Nascimento.

Por fim, agradeço ao meu ilustre amigo e parceiro João, pelo apoio, cobranças, chamamentos, exemplos, determinação, paciência, força de vontade e pela amizade.

Caio César Lima de Freitas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. REFERENCIAL TEÓRICO	17
1.1 CRENÇAS SOBRE A TRADUÇÃO	17
1.2 AS UNIDADES DE TRADUÇÃO	19
1.3 EQUIVALÊNCIA	21
1.4 A FIDELIDADE TRADUTÓRIA	23
1.5 OS LIMITES DA (IN)TRADUZIBILIDADE)	25
1.6 RELEVÂNCIA DOS ASPECTOS CULTURAIS	30
2. METODOLOGIA	34
3. GLOSSÁRIO E TRADUÇÃO DE CONTOS	40
3.1. GLOSSÁRIO	42
3.2 TEXTOS TRADUZIDOS PARA LÍNGUA-ALVO	48
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
ANEXO I – TEXTOS EM LÍNGUA-FONTE	58

RESUMO

Em virtude da importância dos Estudos da Tradução para o cenário linguístico contemporâneo de interdisciplinaridade entre os falantes, leitores e usuários de sistemas próprios de comunicação entre diversas etnias, grupos sociais e nacionalidades. O presente trabalho visa ao desenvolvimento de estratégias que possam ser recorrentes nos processos tradutórios envolvendo palavras e expressões caracterizadas como regionais amapaenses. Estimular a reflexão acerca da organização, registro e criação de acervo linguístico baseado nos trabalhos de língua inglesa como língua estrangeira, haja vista a necessidade de ampliação dessa temática no ambiente acadêmico, principalmente nos cursos de licenciatura em língua inglesa. Este trabalho objetiva a criação de um glossário que fomenta a pesquisa linguística em tradução no Estado do Amapá através de elementos textuais que tenham validação contextual na oralidade e que se apresentem no ambiente mais prestigiado da linguagem escrita por meio de registros literários consolidados por publicações. Utiliza para isso uma explanação acerca das crenças sobre a tradução e as ideias que se construíram ao longo dos anos sobre o trabalho do tradutor. Buscando ampliar e justificar as escolhas das unidades de tradução empregadas pelo tradutor no que se refere às etapas de análise, interpretação e criação de textos em língua estrangeira, visando a melhor condução de sentidos entre língua-fonte e língua-alvo. Ainda nessa perspectiva, traz à tona as questões de equivalência e fidelidade correlacionadas aos objetivos do tradutor, ao utilizar contos do escritor membro da Academia Amapaense de Letras Paulo Tarso Barros, os quais exigem o máximo de conhecimentos e habilidades para um bom resultado final na versão em outro idioma. Os entraves principais do trabalho encontram-se nos limites daquilo que se pode traduzir ou que não possui elementos traduzíveis, por se tratar de contexto regional. Dessa maneira, idealizou-se o glossário com palavras selecionadas em função dos critérios de avaliação linguística regional que atenda às necessidades de pesquisa e resolução de conflitos relacionados à tradução de sentidos contextuais amapaenses. Finalmente, o trabalho fomenta a ideia de continuidade dos trabalhos tradutórios envolvendo a carga vocabular que caracteriza a sociedade amapaense, em função da infinidade de textos, trabalhos e registros escritos da região.

Palavras-chave: Tradução interlingual; Contos amapaenses; Glossário.

ABSTRACT

Because the importance of the translation studies to the contemporary linguistic scene of interdisciplinarity between the speakers, readers and users of communication systems among various ethnicities, social groups and nationalities. This work aims at the development of methodologies that could be recurrent in the translation processes involving words and expressions characterized as regional from Amapá. Also, it stimulates reflections about the organization, registration and creation of a linguistic collection based on the English language papers as a foreign language, considering the necessity of amplification of this theme in the academic environment, mainly in undergraduate courses on English language. This work also has the purpose of creating a glossary that could promote the linguistic research in translation studies at the Amapá state through textual elements that have orally contextual validation and are present in a more formal environment of language like literary records. In order to do so, this work explains the beliefs about translation and ideas that have been built over the years about the work of the translator, looking forward to expand and justify that the choices of the translation units used by the translator regarding the analysis stages, interpretation and creation of the texts in the foreign language, aiming the best transport of meanings in the interlingual translation between source language and target language. Still in this view, the equivalence and fidelity were brought correlated to the translator's objectives in using the member of the Amapá Academy of Letters Paulo Tarso Barros' short stories, which require a lot of knowledge and skills to get a good result in the other language translation. The main obstacles of this work can be found on the limits of what can be translatable or in what does not have translatable elements, because it is about a regional context. Generating, this way, a glossary with selected words regarding the regional linguistic valuation criteria that could help the needs of research and resolution of conflicts related to the translation of typically regional meanings. In addition, it instigates the idea of the development of translations or papers involving the vocabulary aspect that characterizes the Amapá society, regarding the infinity of texts, papers and records wrote in the region.

Key-words: Interlingual translation; Amapá story tales; Glossary.

**PROPOSTA DE UM PEQUENO GLOSSÁRIO BILÍNGUE A PARTIR DA
TRADUÇÃO DE ALGUNS CONTOS DE PAULO TARSO BARROS PARA A
LÍNGUA INGLESA**

Caio César Lima de Freitas
João Evangelista Vieira Amorim

Trabalho de pesquisa apresentado à Banca Examinadora do Curso de Letras – Inglês da Universidade Federal do Amapá como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso III.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____

Professor Mestre Alvaro Tamer Vasques

UNIFAP

Membro: _____

Professora Doutora Juliana Pimenta Attie

UNIFAP

Membro: _____

Professor Doutor Ronaldo Manassés Rodrigues Campos

UNIFAP

Avaliado em: ____/____/____

Conceito: _____

Macapá-AP, janeiro de 2018

INTRODUÇÃO

A língua é uma importante ferramenta de apresentação de sentidos, ideias, tradições e culturas. Desde os tempos mais remotos da história da humanidade existe o interesse antropológico em desbravar, conhecer, conquistar novos povos e nações. Em função desse interesse, a humanidade descobriu grande parte da variedade de línguas usadas para sua comunicação, além de ter agregado mais elementos que modificaram ou até mesmo geraram novas línguas. Dessa maneira, o ser humano passou a estudar e entender a relação estrutural e semântica entre as mais diversas línguas existentes, com registros de léxicos e dados que facilitassem a recorrência de possíveis problemáticas nessa área de estudos analíticos e comparativos sobre as línguas existentes no contexto universal.

Porém, sob a perspectiva de que a língua é viva e encontra-se em constante evolução e transformação, acompanhar as mudanças e adequações feitas pelos seus usuários para ressignificar ou atribuir novos sentidos exige um trabalho bastante importante de pesquisa, coleta e registro das alterações possíveis. Um país de dimensões continentais, com enorme influência multicultural e que possui zonas fronteiriças com países falantes de outros idiomas como o francês, o espanhol, o holandês (Suriname) e o inglês, e sem deixar de mencionar a forte influência de diversas comunidades estrangeiras, dentre as quais destacam-se a italiana, a alemã, e a japonesa que ampliam a relevância considerável e diversificada nos estudos linguísticos, haja vista a pluralidade socio-cultural que se estabeleceu em todas as regiões de contato entre os colonizadores, povos nativos, escravos, (i)migrantes e até mesmo refugiados no processo de consolidação do território brasileiro, diretamente associada à tessitura linguística que compõe o Português brasileiro atual.

No que se refere às diversas formas de se dizer algo em Português brasileiro, existe uma vasta organização por meio de dicionários da norma culta padrão da língua e variações regionais que ganham cada vez mais importância no campo das publicações. Não obstante, deparamo-nos com expressões que carregam consigo uma representatividade linguística regional ou nacional. Tomemos como exemplo os dicionários regionalizados como o de Gauchês (que apresenta um conjunto lexical de palavras, frases e expressões do Rio Grande do Sul), o dicionário de Paulistanês (com variações regionais de periferias do Estado de São Paulo, com elementos bem característicos), o Piauiês (identificado por um vocabulário nordestino do Piauí, repleto de influências advindas da fase luso-africana no Brasil) e muitas outras obras que apresentam especificidades lexicais, prosódicas e neológicas utilizadas pelos

seus falantes/usuários da língua. Essas variações, consideradas menos formais (historicamente menos prestigiadas), englobam o enriquecimento lexical da língua brasileira, ao dotarem-se de novos usos e adequações semânticas, além das consideradas padrões/cânones da norma culta da língua. Logo, um trabalho de tradução envolvendo esses aspectos em constante mutação, ajuste e realinhamento contextual traz robustez aos princípios iniciais do ato tradutório.

Segundo Jakobson (1975), existem três tipos de tradução utilizadas no contexto tradutório. O primeiro, a tradução intralingual ou *reformulação*, se baseia na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua em questão. Nessa perspectiva, o estudioso aponta que “a tradução intralingual de uma palavra utiliza outra palavra, mais ou menos sinônima, ou recorre a um circunlóquio. Entretanto, via de regra, quem diz sinonímia não diz equivalência completa [...]” (JAKOBSON, 1975, p. 65). Exemplo clássico desse tipo de tradução são os textos de Luís Vaz de Camões, que não são totalmente compreendidos pelo leitor de língua portuguesa contemporâneo, carecendo, algumas vezes, de verificação lexical para apurar significados em contexto histórico.

No segundo tipo, a tradução intersemiótica ou *transmutação* ocorre a interpretação de signos verbais por meio de signos não verbais. Ao examinar a Canção do exílio, de Gonçalves Dias, e tentarmos traduzi-la em uma pintura que simbolize a saudade que o autor sente da sua terra através das cores e desenhos que o texto possa motivar, provavelmente, em muitos resultados dessa interpretação e transformação podem surgir obras contendo palmeiras e um sabiá a gorjear, ou ainda, alguém muito triste a imaginar um lugar com palmeiras e pássaros alegres a cantar. É possível que varie a visão (tradução) que cada indivíduo terá, utilizando como base o texto proposto.

A tradução interlingual ou *tradução propriamente dita* consiste na interpretação de signos verbais por meio de outra língua (outro idioma). Esse é o tipo que exige mais cuidado, pois “no nível da tradução interlingual, não há comumente equivalência completa entre as unidades de código, ao passo que as mensagens podem servir como interpretações adequadas das unidades de código ou mensagens estrangeiras”[...] (JAKOBSON, 1975). Tomando por exemplo uma canção de ninar, com aspectos culturais e vocabulário específico, pode-se imaginar as dificuldades enfrentadas pelo tradutor. O movimento interlingual pode auxiliar e ajustar a forma como esse processo pode ser feito. Ressaltam-se nessa modalidade, historicamente, os moldes com que o Português brasileiro se relaciona com as demais línguas estrangeiras, havendo, desde o período colonial, uma troca de informações (por meio de cartas, livros, registros, etc) descritivas do nosso país e a ampliação de conhecimentos tecnológico-científicos trazidos de países com avanço superior. A ferramenta principal dessa

troca entre culturas se fez por meio de processos de tradução interlingual, sendo, portanto, a engrenagem que motiva esse trabalho de pesquisa, revelando aspectos da cultura regional a outras línguas, povos e contextos.

Para Albir (2004), “*la traducción es una habilidade, un saber hacer que consiste en saber recorrer el proceso traductor, sabiendo resolver los problemas de traducción que se plantean en cada caso*” (ALBIR, 2004, p. 25)¹. Segundo a autora, existe uma relação entre a tradução e a função cognitiva da língua, afirmando que o nível cognitivo da língua não apenas admite como requer diretamente uma recodificação interpretativa. A teórica reafirma que para se entender a finalidade de traduzir é necessário perceber que:

Se traduce porque las lenguas y las culturas son diferentes; la razón de ser de la traducción es, pues, la diferencia lingüística y cultural. Se traduce para comunicar, para traspasar la barrera de incomunicación debida a esa diferencia lingüística y cultural; la traducción tiene, pues, una finalidad comunicativa. Se traduce para alguien que no conoce la lengua, y generalmente tampoco la cultura, en que está formulado uno texto (escrito, oral o audiovisual). El traductor no traduce para sí mismo (excepto en raras ocasiones), traduce para un destinatario que necesita de él, como mediador lingüístico y cultural, para acceder a uno texto; ese destinatario puede perseguir finalidades diferentes en relación con el texto (que funcione como un original, que acompañe al original, etc)² (ALBIR, 2004, p.28) (grifo da autora)

Amplia-se, dessa maneira, a percepção dos pressupostos básicos da necessidade e importância da tradução no ambiente linguístico contemporâneo. Além de suscitar a atenção para o aspecto cognitivo do ser humano, que recorre o tempo todo a ferramentas que traduzam/convertam signos em significados, sejam eles gráficos, sonoros, táteis ou visuais.

Segundo Ferreira (2000), a palavra **traduzir** é definida como “1. Transpor, trasladar, duma língua para outra; verter. 2. Explicar, manifestar. 3. Simbolizar, representar. 4. Traduzir. 5. Saber traduzir. 6. Manifestar-se, exprimir-se”. E a palavra **tradução** “1. Ato de traduzir. 2. Obra traduzida”. Advinda do verbo latino *traducere*, que significa “conduzir ou fazer passar

¹ “A tradução é uma habilidade, um *saber fazer* que consiste em saber percorrer o processo tradutório, sabendo resolver os problemas de tradução que se apresentam em cada caso” (grifo nosso)

² “Se traduz *porque* as línguas e as culturas são diferentes; a razão de ser da tradução é, portanto, a diferença linguística e cultural. Se traduz *para* comunicar, para transpor a barreira incomunicável, devido a essa diferença linguística e cultural; a tradução tem, portanto, uma finalidade comunicativa. Se traduz *para alguém* que não conhece a língua, e geralmente tampouco a cultura em que está formulado um texto (escrito, oral ou audiovisual). O tradutor não traduz para si mesmo (exceto em raras ocasiões), traduz para um destinatário que necessita dele, como mediador linguístico e cultural, para acessar um texto; esse destinatário pode procurar finalidades diferentes em relação ao texto (que funcione como um original, que acompanhe o original, etc)” (grifo nosso)

de um lado para outro”, remetendo-nos à ideia de travessia de uma língua à outra, de uma explicação à outra, um significado a outro equivalente.

Com base nessa ideia de travessia, surgiu a similaridade entre a proposição de pesquisa e a obra concreta do escritor membro da Academia Amapaense de Letras Paulo Tarso Barros, *História de um sino* (um livro de 14 contos amapaenses), que foi utilizada para a atividade tradutória interligual, por conter dezenas de palavras e expressões que corroboram com a idealização da proposta: o glossário de palavras regionais.

O autor em língua-fonte, Paulo Tarso Silva Barros, natural de Vitória do Mearim – MA, nasceu em 1961 e desde 1980 é radicado no estado do Amapá. Tem descendência árabe e portuguesa. Já ganhou prêmios literários e publicou diversos livros, centenas de crônicas e artigos na imprensa do Amapá, Pará, Maranhão, São Paulo e Rio de Janeiro. Membro imortal da Academia Amapaense de Letras, fez editoração de mais de quarenta obras. Já publicou mais de dez livros de poemas, contos, romances e cordel. Aos 14 anos, seus poemas já eram publicados nos jornais maranhenses, em sua cidade natal. Conseguiu ser aprovado no curso de Licenciatura Plena em Letras, no primeiro vestibular da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Paulo Tarso Barros é membro da UBE - União Brasileira de Escritores e da Associação Amapaense de Escritores e da Academia Arariense-vitoriense de Letras. Participou do Projeto Rumos Itaú Cultural 2004, em Macapá. Muitos trabalhos seus já receberam premiação e reconhecimento, tanto por parte da crítica literária como de professores. Os contos O Benzedor de Espingarda, A Usina e O Guarda Municipal e a Prisão de Feição de Onça foram escolhidos por várias vezes como leitura dos vestibulares da UNIFAP e de outras universidades. O Benzedor de espingardas foi adaptado para o teatro. Os textos do autor são publicados nos jornais de Macapá, onde ele sempre faz questão de divulgar os escritores da terra. Dentre suas obras, estão *No dentro de Mim* (Poemas, 1985), *Poemas de Aço* (Poemas, 1985), *Existencial do Pássaro Migratório* (Poemas, 1997), *O Devaneio é o Cetro do Poeta* (Poemas, 1997), *Inventário das Buscas* (Poemas, 1997), *Canção numa Hora de Encontros e Desencontros* (Poemas, 1997), *O Benzedor de Espingarda* (Contos, 1998), *As Peripécias do Moleque Borgue* (Cordel, 1998), *Apontamentos de Literatura Amapaense* (Internet), *Datas Históricas e Comemorativas do Brasil e do Mundo* (Internet), *Sogra na Vida da Gente* (Cordel, 2004), *Os Silêncios da Eternidade* (Poemas, 2012), participação em diversas antologias poéticas no estado e outros estados da região norte.

Paulo Tarso fundiu a identidade regional nordestina a elementos que o tipificam como de Literatura Amapaense, por apresentar a acessibilidade linguística que o cabloco/ribeirinho/quilombola traz consigo na construção uma identidade regional.

A Literatura da Amazônia, de certa maneira é levada pela marca pessoal de cada autor, sem a doutrinação estilística de nenhum grupo exclusivo de produção literária e levando em consideração as influências da diversidade étnica regional amazônica. Registrando aspectos como costumes, cultura, culinária, estilo de vida e outros pontos ligados aos elementos que o cenário amazônida proporciona como a natureza, fauna, flora, o homem em adequação e convivência a esse meio misterioso e louvável através da perspectiva indigenista. Ressalta-se que a produção dos escritores amapaenses esteve ligada ao processo de impressão desses registros por meio de jornais impressos e revistas. Essa etapa de instalação aconteceu de forma gradual e desencadeada por outros estados da região norte, visando à produção de registro dos fatos e acontecimentos do cotidiano de seus habitantes. Como bem esclarece Souza (2016, p. 102), acerca dessa fase:

No Amapá, o cenário no qual a atividade de imprensa foi criada se aproxima muito de como funcionou os primeiros serviços tipográficos em outros espaços da Amazônia, e que, de certo modo, aproxima-se das condições em que também funcionou inicialmente a imprensa nacional, especialmente no que diz respeito aos homens mais “letrados” a quem lhes foram dadas prerrogativas de tradutores, intérpretes e porta-vozes das ideias daqueles que estavam no poder.

Ressalta o papel da produção escrita como elemento essencial de afirmação da identidade socio-cultural de um povo, ainda que os produtores textuais não sejam nativamente componentes de origem desse grupo social, ao afirmar que:

A identidade está, de forma bastante estreita, ligada à noção de reconhecimento, de contato dialógico com o outro, ou seja, reconhecemos nossa identidade a partir do outro, com o qual nos identificamos ou não. Desse modo, no processo de constituição das identidades amapaenses, podemos atestar que essas identidades vão se configurando em um movimento contínuo de construção, de acordo com os processos de interação entre o nativo e o migrante (SOUZA, 2016, p.123/127).

A amplitude que define o conjunto de saberes, ambiente de registros escritos e a produção literária com valoração técnica do que pode ser considerada como Literatura, para fins editoriais, gera um cenário ainda muito desestruturado, no que tange à organização e levantamento de dados sobre o início das produções literárias no estado. Fato concreto é que a definição de Literatura Amapaense sugere simbolicamente uma estruturação repleta de pontos que convergem em traduzir os hábitos, costumes, crenças, saberes e fatos de construção da

sociedade amapaense, desde sua composição, resistência e exaltação dos elementos naturais que a compõem.

Considerando que os textos de Paulo Tarso em Português apresentam elementos que reforçam os aspectos linguísticos peculiares da cultura e sociedade amapaense, as traduções realizadas trazem à tona as discussões dos componentes de sentido em língua-fonte³ e língua-alvo⁴. A tradução para campos especializados ou profissionais requer frequentemente um conhecimento apurado, bem como as terminologias pertinentes na língua-alvo. Jakobson (1969) chegou a afirmar que toda experiência cognitiva pode ser classificada e expressa em qualquer idioma vivo. Para confirmar a autenticidade da tradução, as versões anteriores são algumas vezes utilizadas. Isso significa que um texto é traduzido do idioma de origem para o idioma de destino visando uma série de detalhes que culminam com um resultado final o mais próximo possível da intenção original de produção em língua-fonte.

Destaque para uma figura de fundamental importância nesse processo de tradução: o tradutor. Wyler (2003) explicita a trajetória da história do tradutor no cenário brasileiro com o chamado “língua” – designação dada ao tradutor em língua oral (ou intérprete) – muito utilizado pelos colonizadores europeus e institucionalizado como peça-chave do processo de negociação/dominação junto aos habitantes pré-cabralianos, em função da diversidade linguística presente naquele período. Ainda segundo a estudiosa, devido ao extraordinário número de línguas em contato, havia a necessidade dessa mediação feita pelos “línguas” ou intérpretes para que a comunicação ocorresse efetivamente. Papel que foi designado de forma quase compulsória a degredados (pessoas expulsas de suas nações por algum crime ou ato mais grave) e naufragos (vistos como pessoas que deviam favores a quem os socorriam), pois eram incumbidos de permanecer com os indígenas e “aprender bem sua fala e os entender”. Tamanha era a diversidade linguística no cenário colonial, que segundo a autora:

No início do século XVI, habitavam a nova colônia portuguesa povos indígenas ágrafos, diferenciados em suas tradições, seus usos e costumes. Distribuídos de forma homogênea por todo o território brasileiro, embora mais concentrados no litoral, esses povos falavam centenas de línguas e dialetos que contemporaneamente podem ser classificados em 102 grupos e três ramos linguísticos: o tupi, o marco-te e o aruaque. Supomos que tal diversidade linguística estimulasse o bilinguismo – talvez o plurilinguismo –

³ Língua-fonte ou língua de partida é a língua de origem ou língua de partida de um texto ou produção oral.

⁴ Língua-alvo ou língua de chegada/destino é aquela que se pretende atingir, conduzir o texto em língua materna ou de origem.

e a tradução intergrupar, pois, onde houve oportunidade, desenvolveram-se línguas francas (WYLER, 2003, p.31).

Ainda segundo a autora, o tradutor em língua escrita no Brasil surge na transição entre a diminuição dos línguas – devido à presença de mamelucos (filhos de portugueses e índias e seus descendentes) – para designar a função de intérpretes que era feita pelos degredados/náufragos na fase inicial e a produção de textos em língua latina pelos portugueses. Desse ponto em diante, a tradução como ofício reconhecido ganha valor documental agregado de um povo no contato com as demais nações. Gerando associações que tenderam à valorização contínua da atividade, porém ainda voltados para documentos oficiais e de cunho de repartições comerciais.

O presente trabalho, portanto, gira em torno da catalogação e do registro de aspectos lexicais, que geralmente se apresentam em gêneros orais pelos indivíduos, e que foram registrados na produção escrita. Fator crucial de escolha para o trabalho, que revela a valorização de traços linguísticos e culturais no ambiente formal por meio dos escritos literários e gera uma naturalização entre os atos de tradução e a estruturação dos elementos que compõem a pesquisa, visando à recorrência dos dados e ao enriquecimento de novos trabalhos voltados para a área de Estudos da Tradução.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Crenças sobre a tradução

Grande parte da população crê que traduzir um texto é um procedimento simples, bastando ter em mãos apenas um dicionário e certo conhecimento sobre a língua estrangeira. De fato, é possível realizar uma tradução apenas com esses elementos. Entretanto o resultado final nem sempre é aceitável ou coerente, chegando a ser inadequado em alguns casos. Ambas as ferramentas fazem parte do arsenal de recursos necessários para a realização do processo tradutório, no entanto, essencialmente necessita-se de mais recursos, tais como conhecimentos prévios de ambas as línguas, que envolvem desde o cunho gramatical ao contexto cultural e social em que os idiomas estão inseridos, bem como conhecimentos sobre as especificidades do assunto que o texto aborda, o próprio conhecimento de uso das ferramentas disponíveis e uma série de outras competências que podem ser desenvolvidas ao longo do tempo.

Existem diversas crenças sobre o processo tradutório que erroneamente envolvem questões como pouco trabalho necessário, simplicidade no processo ou recursos imediatamente acessíveis, o que na realidade são apenas falta de conhecimentos ou fundamentações sobre o que realmente se é trabalhado nessa área. “Por crenças, entende-se todo pressuposto a partir do qual o aprendiz constrói uma visão do que seja aprender e adquirir conhecimento” (PAGANO, 2015, p. 9). Mesmo com a existência de crenças de base empírica para iniciar o processo de tradução as quais funcionam em determinados procedimentos e crenças simplesmente errôneas, todos os estudantes acabam por seguir caminhos tortuosos, ineficazes e insatisfatórios para uma metodologia adequada nessa área, quando se chega ao resultado final.

Uma crença bastante popular e errônea é a de que se uma pessoa já morou no exterior por algum período de tempo, ela é proficiente na língua falada nesse local e, por sua vez, é mais qualificada para o trabalho tradutório. No entanto, isso não é comprovado cientificamente e a proficiência em um idioma não está relacionada a esse aspecto vivencial, haja vista que existem numerosas pessoas proficientes em línguas estrangeiras, mas nunca tiveram a oportunidade de viajar para os países de origem dessas línguas. Há atualmente uma infinidade de recursos, principalmente tecnológicos, que possibilitam o aprendizado contínuo ao ponto da fluência alcançada ser efetiva nos movimentos tradutórios, dependendo claramente do esforço pessoal de cada estudante. Dessa forma, para se tornar um tradutor de

fato, são necessários estudos diversos na área da tradução, e não apenas a vivência no exterior, o que de certa forma pode ser útil, mas não o suficiente.

Para ser um tradutor competente é necessária experiência e qualificação, bem como ter um vasto conhecimento cultural e linguístico dos idiomas com que se trabalha. Isso é necessário, pois o processo exige diversas estratégias de diferentes naturezas, que são desenvolvidas com a experiência ou formação profissional. Campbell (1998 apud Pagano, 2015) aponta, para a competência tradutória, um conjunto de habilidades “inferiores” e “superiores”, as primeiras sendo o conhecimento do léxico, da morfologia e da sintaxe das línguas envolvidas; e as segundas, que dizem respeito a níveis maiores de complexidade, como conhecimentos de aspectos textuais e coligações lexicais, domínio de registros e gêneros discursivos e sua inserção no contexto no qual o texto traduzido será incorporado.

Exemplificando, a noção de que uma palavra pode ser automaticamente transposta para outra língua sem qualquer dificuldade é inconcebível, pois isso não é um processo matemático em que a equivalência exata de uma palavra possa ser medida por um dicionário, mas sim variável, inexistindo uma tradução perfeita, que é basicamente o que fundamenta o conceito de “traição” nos estudos da tradução, sendo este alicerçado também na expressão italiana “traduttore, traditore”, que diz que o tradutor pode ser um traidor, justamente por não utilizar expressões equivalentes, como nos casos de adaptações necessárias devido aos contextos de forma geral, mas sim correspondentes. Historicamente, a tradução desenvolve um papel interessante de divulgação de determinada ideia social, regional ou nacional. Como bem esclarece Oustinoff (1956), a tradução tem um alcance bem mais geral que costumamos pensar, porque ela está presente no próprio seio de toda língua, por meio da reformulação.

Dessa maneira, a tradução desempenha as tarefas de constante recorrência a significados dentro da língua e serve tanto para ampliar as explicações mais gerais a contextos regionais quanto para fazer o movimento contrário. Nesse sentido, as crenças podem surgir através de tentativas de se estabelecerem padrões amplos que gerenciariam o processo tradutório, provavelmente com o objetivo de facilitá-lo, fazendo assim com que este se torne acessível, o que na realidade não o é.

1.2 As unidades de tradução

Em meio ao processo de tradução, é indiscutível a questão de se trabalhar tanto com o texto-fonte⁵ quanto com o texto-alvo⁶, pois inevitavelmente serão encontrados diversos desafios com relação ao que se pretende transmitir, preservando determinados aspectos e adequando outros. Como bem esclarece Alves (2015, p. 29), “[...] muitas vezes nos deparamos com itens lexicais desconhecidos, estruturas sintáticas incompreensíveis, ambiguidades semânticas de difícil solução”. Fatos dessa natureza geram a necessidade de análise e uso de uma metodologia que abarque o máximo possível de novos problemas envolvendo sentidos da língua de origem para a mesma significação na língua a qual o texto é destinado.

O trabalho do tradutor se dá por inúmeras etapas, ainda que não previamente estabelecidas, e o surgimento de adversidades no processo tradutório faz com que o profissional opte por meios alternativos que tragam uma resposta satisfatória à problemática de cada caso, como por exemplo, pesquisar por explicações em passagens já traduzidas ou deixar um caso mais difícil de resolver para depois. Percebe-se então que um texto nesse processo é trabalhado em partes, sejam elas palavras, expressões, orações, sentenças, períodos ou o texto inteiro, e essas partes são denominadas Unidades de Tradução (UT’s). As Unidades de Tradução visam dar esse suporte de sentidos, quer sejam lexicais ou sintáticos, quer sejam semânticos na relação entre duas ou mais línguas envolvidas, ou mesmo na relação intralinguística, devido a fatores sociolinguísticos. Essa discussão acerca do ponto específico é antiga e tratada pelos estudos de tradução como uma esfera a ser delimitada, pois:

A delimitação de uma UT tem se revelado problemática. Será que a UT ideal é encontrada no nível lexical ou será que ela se apresenta melhor no nível da sentença? Será que as UTs dependem da coerência textual e, portanto, devem ser delimitadas no âmbito do texto? Ou será, ainda, que a UT, em última instância, deixa-se delimitar no nível do morfema? (ALVES, 2015, p. 29).

⁵ Um texto-fonte é um texto a partir do qual informações e ideias se originam. Em tradução, o texto-fonte (*source text*) é o texto original que será traduzido de/para outra língua.

⁶ Um texto-alvo é um texto escrito traduzido na língua-alvo pretendida, que é resultado da tradução de um dado texto-fonte.

Embora haja um consenso de que, independentemente das estratégias e escolhas no ato de traduzir, exista uma dicotomia entre a fidelidade que se deseja e a liberdade de criação para o efeito pretendido, os movimentos tradutórios dependem do posicionamento do tradutor na tarefa de realizar um bom trabalho, com resultados que satisfaçam a condução entre as percepções de compreensão das ideias do texto-fonte, a busca da construção semântico-lexical coerente ao contexto que equivalha ao mesmo sentido e o efeito causado no texto-alvo.

Segundo Lörscher (1991), uma UT pode ser um trecho do texto-fonte em que o tradutor vai focar a sua atenção para representá-lo no texto-alvo. Partindo dessa lógica, o autor mostra que as UTs usadas por aprendizes da linguagem tendem a ser palavras isoladas, enquanto que tradutores experientes tendem a isolar e traduzir unidades de sentido, que podem ser perceptíveis em orações, frases ou períodos. Vinay e Darbelnet (1957, apud Alves 2015, p. 30) esclareceram que a UT é “o menor segmento de um enunciado cuja coesão de sinais seja tal que esses não possam ser traduzidos separadamente”, primando pela fidelidade do texto original. Newmark (1988) observa que nenhuma dessas posições consegue atender às necessidades do tradutor. Para ele, quanto mais livre a tradução, maior será a UT e que quanto mais fiel a tradução, menor será a UT. Alves (2015) sugere então que a tradução livre favorece a oração enquanto a tradução literal defende a hegemonia da palavra. De forma conclusiva, o autor propõe uma definição para o que seria uma UT, com base em diversos autores e estudos da análise discursiva e outras correntes de estudos da tradução voltadas para a funcionalidade textual:

UNIDADE DE TRADUÇÃO é um segmento do texto de partida, independente de tamanho ou forma específicos, para o qual, em um dado momento, se dirige o foco de atenção ao tradutor. Trata-se de um segmento em constante transformação que se modifica segundo as necessidades cognitivas e processuais do tradutor. A UNIDADE DE TRADUÇÃO pode ser considerada como a base cognitiva e o ponto de partida para todo o trabalho processual do tradutor. Suas características individuais de delimitação e sua extrema mutabilidade contribuem fundamentalmente para que os textos de chegada tenham formas individualizadas e diferenciadas. O foco de atenção e consciência é o fator direcionador e delimitador da UNIDADE DE TRADUÇÃO e é através dele que ela se torna momentaneamente perceptível (ALVES, 2015, p. 38).

Dentro dessa percepção de condução entre termos de origem e unidades que consigam suportar a mesma equivalência de sentidos, é necessário ressaltar a extrema destreza

que o tradutor precisa dispor para resolver problemas pontuais como gírias, linguagens coloquiais, informais e expressões regionais que, muitas vezes, desconhece.

Expressões de conhecimento mais amplo como “*Mamão com açúcar!*”, “*Toma lá, dá cá!*”, “*Amigos, amigos; negócios à parte*”, “*As aparências enganam*”, etc exigem que o tradutor detenha um nível bastante ampliado do domínio de uso dessas expressões em contexto pois, nesses casos, a simples tradução lexical para uma língua-alvo não abarcará o real sentido de uso que os falantes e usuários da língua-fonte o fazem em contexto. Além disso, como já foi mencionado, a variação regional, muitas vezes, cria outras expressões procedentes de expressões mais gerais, dando ao tradutor ainda mais dificuldade de entendimento na própria língua materna, o que remete à necessidade de uma tradução intralingual.

Essas expressões regionais presentes em larga escala na oralidade entre usuários da língua-fonte, em contexto formal ou informal, também podem ser observadas em passagens, trechos, frases e textos na produção escrita. Podem ter equivalentes que variam entre regiões dentro de um mesmo espaço geográfico, estado ou país, dando ao processo tradutório ainda mais elementos de pesquisa e registros entre línguas, destacando que, na referência interlinguística, os correspondentes de mesmo sentido são classificados como expressões idiomáticas. Tais variações de sentidos entre as expressões envolvem um conjunto de significados inerente a um determinado grupo social ou nacional. Logo, Perini (2004) afirma que as expressões idiomáticas de cada língua em particular apresentam um problema de tradução porque, em geral, não podem ser pura e simplesmente vertidas de uma língua para outra, tamanha a complexidade que envolve a relação de sentidos entre elas, pois, como um todo, nem dentro do próprio sistema linguístico encontra correspondentes de sentido fáceis de entendimento.

1.3 Equivalência

Ainda que se possa estabelecer semelhanças entre as línguas, no processo tradutório, o tradutor vai se deparar com situações de difícil resolução na transferência de sentidos contidos em uma língua-fonte para uma língua-alvo. Devido a essas diferenças linguísticas que envolvem desde o contexto social das comunidades em que estão inseridas até

a individualidade de cada receptor das informações, o trabalho do tradutor se faz bastante pontual no levantamento, organização e manuseio das tarefas linguísticas, haja vista que o tradutor precisa de mecanismos que dependam da intenção do trabalho, de meios práticos e teóricos que visem à aproximação de sentidos de expressões em ambas as línguas, em função da necessidade de se buscar equivalências de sentidos entre elas.

Quando se trata de equivalência, abre-se uma gama de possibilidades com relação à questão da correspondência que se pretende alcançar, por se tratar de um dos recursos de criação de sentidos que visa à familiaridade de entendimento entre as línguas trabalhadas. Basicamente a ideia de correspondência consiste em imaginar que sentidos expressos em uma língua podem ser expressos em outra língua, ambas utilizando seus próprios termos específicos, ou seja, utilizando esse recurso, dá-se mais importância à essência do que é dito ao invés da forma como é dito, pois basicamente ao se traduzir apenas as palavras, pode ocorrer uma situação de não entendimento, haja vista que, partindo desse princípio, nem sempre algo de valor equivalente possui a mesma essência de sentido.

Perini (2004) destaca que, quanto mais importante for o papel das traduções em nossa sociedade, tanto mais crucial será a necessidade de que o trabalho do tradutor seja de alta qualidade, devendo-se dar especial trato à equivalência de sentidos entre o texto da língua-fonte e o texto da língua-alvo no que se refere à intenção daquilo que se pretende transmitir. Nesse sentido, Nida (1964) explica que a equivalência formal consiste em verter mecanicamente a forma do original, a equivalência dinâmica, que transforma o “texto-fonte” de maneira a produzir o mesmo efeito na “língua-alvo”. E que a equivalência de efeito é uma noção que vai além da divisão entre “pró-fonte” e “pró-alvo”, pois precisa ser levada em conta em um quadro mais amplo, a começar por suas implicações de ordem linguística. Ordem essa que invade as esferas da Semântica e da Pragmática em torno das proposições que se pretendem gerar e atingir com determinada intenção textual. Fato é que quando se trabalha textos literários, a exigência de escolha entre léxico e semântica fica ainda mais acentuada, por exigir do leitor-tradutor um grau de proficiência amplificado e procedimentos técnicos que consigam gerar escolhas que possam ser entendidas contextualmente pelo leitor-receptor/destinatário.

1.4 A fidelidade tradutória

Utilizar-se de textos literários para desempenhar a atividade de tradução exige um trabalho conjunto de conhecimentos, interpretações e desenvolvimentos de estratégias que supram os objetivos traçados pelo tradutor que, de certa forma, ajustará ao máximo o texto e o autor ao momento histórico em que será feita a tradução. Havendo dessa forma uma preocupação do efeito de entendimento pelo leitor contemporâneo que terá contato com seu trabalho pronto. Esse aspecto corrobora com a ideia de Arrojo (2000), reforçando que todo leitor ou tradutor não poderá evitar que seu contato com os textos (e com a própria realidade) seja mediado por circunstâncias de seu contexto histórico e social. Como a criação literária por parte do autor é que impulsiona o trabalho de resolução e ajustes que serão feitos pelo tradutor, a valoração de verdade aplicada ao produto da tradução deverá se voltar para os rumos que o texto exigir, sem excluir a autonomia inerente ao tradutor.

Outro ponto a ser considerado refere-se à liberdade interpretativa do novo texto que será gerado em língua-alvo, pois o autor original do texto em língua-fonte não o fez visando o leitor da língua-alvo, estando a cargo do profissional da tradução essa etapa de construção. Tendo em vista o fato de o texto original não existir na língua-alvo, o tradutor vai se tornar, de certo modo, o autor desse texto na língua-alvo. Destaca-se ainda o tradutor que é fluente e possui conhecimento cultural da língua-alvo, o que gerará enxertos originais (adaptações), devido ao que foi dito anteriormente relacionado às línguas serem diferentes, sendo assim, parte do texto é criação do tradutor.

Nos estudos de tradução, o ideal equilíbrio dessa transposição entre línguas é fazer com que o tradutor exerça a produção de um texto que torne esse trabalho aparentemente invisível aos olhos do leitor ao qual o texto é destinado, pois como corrobora Venuti (1995, p. 1) acerca desse pensamento:

*A translated text, whether prose or poetry, fiction or nonfiction, is judged acceptable by most publishers, reviewers, and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer's personality or intention or the essential meaning of the foreign text - the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the "original"*⁷.

⁷ “Um texto traduzido, seja ele uma prosa ou poesia, ficção ou não ficção, é considerado aceitável pela maioria dos editores, revisores e leitores quando é lido naturalmente, quando a falta de peculiaridades linguísticas ou estilísticas faz com que o texto se torne transparente, dando a impressão de que ele reflete a personalidade ou

Conforme destaca Barthes (1979, p. 77, apud Arrojo, 2000), qualquer texto, por pertencer à linguagem, pode ser lido sem a “aprovação” de seu autor, que pode apenas “visitar” seu texto, como um “convidado”, e não como pai soberano e controlador dos destinos de sua criação. Sobral (2008, p. 34) destaca essa ideia sobre o autor original ao mencionar que no caso da tradução, colocamo-nos de certo modo na posição presumida do autor traduzido, o que é na verdade uma forma de criar para ele (autor original) uma imagem em outra língua, já que ele só se dirige aos falantes da língua dele, e não para a qual o tradutor traduz seu texto. Ressaltando que não haverá um abandono ou ruptura das ideias do autor com o texto preparado para outra língua; ao contrário, é uma forma de prestigiar as informações a respeito do universo do autor, porém com a visão e intenção mediada pelo tradutor. Deve haver um equilíbrio no jogo de ideias que não podem ser exclusivamente do autor original, nem do tradutor em seu processo de criação.

No texto-fonte encontram-se diversos elementos que fazem o tradutor refletir a posição que tomará diante das escolhas que precisará tomar em relação ao objetivo inicial do trabalho. Feitas essas escolhas, o trabalho traduzido estará impregnado, de acordo com a interpretação do tradutor, com a forma do texto-fonte escrita pelo autor original. Dessa forma, uma tradução mais literal, em que resquícios ou até grandes porções da essência do texto original podem se perder, haja vista a diferença entre as culturas. Porém, embora sejam admitidas as diferenças, não se corrobora com a ideia de traição, pois prevalece a essência do texto-fonte, não necessariamente utilizando a mesma forma deste, o que pode resultar um texto final maior ou menor, ao se levar em conta as multiplicidades de sentido possíveis no texto. Como ressalta Pagano (2015, p. 14), na explanação desse ponto de análise:

A ideia de “traição” pressupunha, dentre outras coisas, uma outra crença também ainda bastante disseminada, de que se traduz num vácuo temporal e cultural, no qual uma ideia formulada numa língua pode ser automaticamente transposta para outra língua como se se tratasse de uma operação matemática de equivalências entre palavras mediada por um dicionário. Esse pressuposto levava a acreditar que haveria uma transposição ideal e única que seria, então, a tradução perfeita.

intenção do escritor original ou o real significado desse texto – em outras palavras, a impressão de que a tradução não é de fato uma tradução, mas um texto “original” (grifo nosso)

Por isso, ao se tratar de literatura, os objetivos inicial e final devem ser traçados pelo tradutor, fazendo com que o texto final, inevitavelmente, tenha a sua marca. Tanto no que tange à questão da fidelidade quanto às decisões tradutórias, a dificuldade se apresenta na preservação da forma do texto-fonte, pois no caso de línguas com estruturas gramaticais diferentes, certos trechos, diálogos, parágrafos são obstáculos a serem transpostos sem que causem desconfiança ou descrédito ao serem analisados com mais atenção.

1.5 Os limites da (in)traduzibilidade

Como se sabe, um texto não é um receptáculo de conteúdos estáveis e mantidos sob controle, que podem ser repetidos na íntegra, como diz Arrojo (2000), destacando que a única forma de se trabalhar com um texto, literário ou não, é apenas lendo-o ou interpretando-o. A autora afirma que todo leitor ou tradutor possui “a sua verdade” em relação ao processo de tradução, no qual o resultado é relativo, ou mais precisamente, determinado pela história pessoal e os fatores que a ela constituem, como a vivência social e coletiva. Utiliza ainda como exemplo Pierre Menard, Autor de Quixote, conto de Jorge Luis Borges, que tinha a pretensão de reescrever o *Quixote* exatamente como Miguel de Cervantes, sem levar em consideração a questão da interpretação ou leitura antecipada. A concepção teórica é mais abrangente, pois é necessário observar muitos aspectos nessa concepção de transferência direta tal qual se apresenta. Fatores como as diferenças locais ou regionais têm um papel significativo para a questão das possibilidades reais do que pode ser traduzido e como será feito.

A área da linguagem faz parte das ciências humanas, isso quer dizer que as variáveis que aparecem nos estudos e trabalhos são inúmeras e culminam numa infinidade de possibilidades, como é o caso da tradução. O tradutor tem o trabalho de transportar informações de uma língua-fonte para uma língua-alvo, e este trabalho pode se dar de diversas formas, como a preservação da forma de escrita (estilo) da língua-fonte na língua-alvo, a omissão de informações ou até mesmo o acréscimo, visando um melhor entendimento do conteúdo. Esse trabalho, para a sua funcionalidade, utilidade e eficiência, vai depender primordialmente do conhecimento que o tradutor tem de ambas as línguas com as quais está trabalhando, tornando difícil um processo de tradução para quem entende parcialmente um ou mais idiomas pois, como afirma Campos (2004, p. 65), a traduzibilidade de qualquer texto depende de seu grau de inteligibilidade, sendo impossível traduzir o que não se consegue

entender bem. Entretanto, existem outros fatores pertinentes ao caso, como a questão de diferenças culturais e sociais que vão implicar expressões utilizadas que são específicas de cada lugar e que podem não existir em outros lugares. Além disso, ainda que o tradutor detenha conhecimento avançado de ambas as línguas, existem situações que fogem de sua competência e quase sempre apresentam aspectos que demonstram ser intraduzíveis, como é o caso de piadas ou trocadilhos em uma língua-fonte que apenas funcionam em seu contexto social e que podem não existir no contexto sociocultural da língua-alvo.

Traduzir trocadilhos ou expressões idiomáticas que envolvem aspectos fonológicos como “Não confunda alhos com bugalhos!”, “Deus ajuda quem cedo madruga!” ou ainda piadas regionais com sentido bastante específico na construção social de um povo exigem destreza na condução desses significados para outra língua, a fim de se preservar a intenção original de uso, mesmo que não faça sentido em outro idioma. Tanto para a tradução de trocadilhos como a tradução de piadas, a habilidade de entendimento macro ou microtextual sobre os aspectos da língua farão com que haja uma correta assimilação de inferências a partir de expressões que são utilizadas em acordo entre os falantes das comunidades que fazem uso de tais expressões. Esse entendimento pode ser aplicado ao processo tradutório de forma específica, nos recursos linguísticos característicos de cada texto, a fim de resgatar em totalidade as intenções e o universo de um autor, justamente por essas intenções e esse universo serem aquilo que nós – enquanto tradutores/leitores – nos empenhamos em entender e ressignificar.

Com base na intenção real de desempenho linguístico, o tradutor tenta manter o detalhe descritivo de uma cena através de um texto, frase, expressão ou conjunto de elementos que sejam peculiares de um povo, comunidade ou nação, aproximando o que se deseja transmitir com significação, além da figura mediadora de preservação dos aspectos que possam servir de base a uma explicação intralingual na variação lexical das palavras. O tradutor passa a ter um papel diferenciado, por ter a responsabilidade de conhecer os léxicos da língua materna padrão, das variantes dessa língua e o da língua estrangeira que pretende trabalhar, além de interpretar os significados de uso das línguas, para aproximar, ao máximo, os significados entre elas. As decisões do que deve ser privilegiado também são atribuições do profissional da tradução: analisar, por exemplo, se aproximará o leitor do texto original ou se fará com o autor original se torne mais acessível a um determinado público. Logo, pode-se afirmar que não existe uma tradução ideal que preserve todos os sentidos integralmente. No entanto, surge o questionamento em relação à fidelidade do texto, a base onde apoia a vertente

que o tradutor utilizará para embasar o resultado final de seu trabalho. Como bem esclarece Sobral (2008, p. 33), “traduzir é um ato que sempre deixa uma marca do processo de alteração daquilo que é transportado – de maneira legítima, ainda que haja casos de transposição ilegítima”, sendo, portanto, o tradutor um profissional habilitado em fazer essas transposições legítimas, por conhecer os sistemas de produção da língua e sua utilização na formulação de significados.

Segundo Campos (2004), a traduzibilidade de qualquer texto depende das semelhanças ou diferenças de estrutura entre a língua-fonte e a língua-meta. Quando há a intraduzibilidade não linguística, quando certas palavras ou expressões não podem ser traduzidas por não se encontrarem na cultura da língua-fonte e na cultura da língua-meta, existem situações que correspondem entre si ou se equivalem, como expressões idiomáticas que têm o mesmo objetivo, intenção e valoração para representar o mesmo sentimento tanto em uma língua como na outra.

Caso interessante refere-se às expressões regionais (muitas vezes validadas e registradas mediante dicionários e catálogos bem estruturados do acervo do falante de determinada região ou grupo social. Destaque aqui para o Dicionário de Ceará⁸ – trazendo vasto repertório de expressões do Estado do Ceará e outras expressões características da região Nordeste brasileira, como por exemplo batoré (pessoa de estatura baixa, baixinho(a)), cangote (nuca), chumbado (bêbado, doente), mandiba (caule da planta mandioca), saliente (atrevido) –; o Dicionário Papa-Chibé⁹ (definido como o idioma utilizado para se comunicar com o típico caboclo paraense, com frequente uso em todas as cidades, incluindo a capital) com palavras como maniva (folha de mandioca utilizada para fazer um prato típico paraense (maniçoba), éguas! (interjeição de espanto, surpresa, revolta), gito(a) (pequeno(a), minúsculo(a)), carapanã (mosquito, pernilongo), e o Dicionário do Amapê¹⁰ – com verbetes da língua falada no Estado do Amapá, com influência bastante representativa dos dois dicionários anteriores e estados próximos do Norte e Nordeste, devido ao processo socio-histórico, político e cultural de indivíduos dessas regiões na emancipação do estado, traz palavras como garapa (caldo de cana de açúcar, pode ser também o sangue que escorre de

⁸ GADELHA, Marcus. Dicionário de ceará. Fortaleza: Multigraf, 1999.

⁹ <http://www.dicionarioinformal.com.br/>

¹⁰ ARAÚJO, Cléo Farias de; ARAÚJO, Maria Zenaide Farias de. Dicionário de Amapê – A língua falada no Estado do Amapá. / 2. ed. rev., atualiz. e ampl. – Macapá: CLÉOZEN EDITORA LTDA., 2012.

uma ferimento), jacinta (sf. libélula, aquele bichinho que a gente, quando criança, amarra uma linha na cauda (do inseto) para brincar. É também a mulher magra ou de cintura bem fina), lavado(a) (adj. bêbado(a), embriagado(a)).

O léxico difundido nesses dicionários, embora tenha a estrutura simplificada de construção, exige de seus falantes em contexto de uso a ativação dicotômica de significados, haja vista que, devido ao ambiente de uso dessas expressões, existe uma necessidade de explicação dos significados e uma adequação social dos indivíduos não pertencentes originalmente ao contexto dessas expressões regionais. A tradução intralingual se faz presente em constantes recorrências desses usos, requerendo do tradutor e dos falantes da língua-fonte conhecimentos vastos nesses ambientes de alternância e a possibilidade de condução a outro idioma, seja por expressões que digam o mesmo, sejam pelo mesmo conceito de uso com explicação sobre o que significam, causando assim a impossibilidade de realização original na língua-fonte, visto que:

A intraduzibilidade linguística acontece toda vez que se trata de uma ambiguidade peculiar à língua-fonte e que no texto assume importância principal, como no caso dos trocadilhos, por exemplo. De outras vezes a intraduzibilidade resulta de não existirem situações idênticas na cultura de uma língua e da outra (CATFORD, apud CAMPOS, 2004).

Reafirmando que há um acordo coletivo de significados das expressões entre os falantes de um determinado grupo social, regional e nacional, Sobral (2008, p. 31 - 34) reforça essa perspectiva ao destacar que:

Tudo o que é dito por alguém a outra pessoa é entendido por esse outro de maneira coletiva, o “consenso” social sobre o que algo significa, e ao mesmo tempo de uma maneira individual, o que depende de quem diz uma coisa e daquele a quem é dita essa coisa” (...) e “[...] o sujeito traduz em seus próprios termos o que o outro enuncia nos seus e traduz nos termos do outro aquilo que vai enunciar.

Conhecimentos que conduzem um saber bastante peculiar, específico, particular de determinado povo, cultura ou grupo social carecem de uma pesquisa mais apurada no processo de transporte a outro idioma, pois sempre sofrem algum dano estrutural ao serem levados à adequação tradutória. Nesse sentido, Sobral (2008, p. 32) nos lembra que traduzir no sentido amplo é parte constitutiva da vida semiótica dos sujeitos, porque traduzir é sempre transferir e esse movimento envolve, de certa forma, ferir, alterar/adaptar o sentido daquilo

que será traduzido, ou seja, sempre haverá perdas ou transformações no trajeto utilizado pelo tradutor.

Este trabalho, inicialmente, evidencia expressões que exigem o domínio linguístico e semântico do tradutor com relação às escolhas que foram feitas no texto traduzido e analisa de que forma elas foram transpostas, conduzidas a outro idioma, preservando a mesma essência que o leitor\falante regional utiliza\compreende no cotidiano. Nesse ponto, ressaltou-se que léxicos com significação geral (na variante padrão da língua) podem ganhar significação particular ou restrita a contextos regionais. Além de palavras de uso regional que não se apresentam integralmente nos dicionários normativos, analisados conforme a variante padrão da língua, ainda que sejam extremamente utilizadas e compreendidas em ambiente informal da língua, e que o autor registrou, validando um mecanismo de identificação de um povo com sua língua. Logo, as alternativas de adequação da explicação das expressões regionais amapaenses englobam a melhor maneira de alterar o mínimo possível a ideia original de uso feita pelos usuários da língua em contexto social no estado.

Acerca de elementos linguísticos considerados intraduzíveis, Sobral (2008, p.35) desvenda o mito de que as formas de ver o mundo e de falar sobre ele, que variam no tempo e no espaço, só podem ser vistas de uma só maneira, mas o trabalho tradutório, nesse sentido, é justamente transportar as informações de uma língua para outra. Pode-se, então, determinar que a tradução é um processo de interpretação de uma visão diferente do mundo. Tendo como base a afirmação de Sobral (2008, p.38), percebe-se que “as línguas nascem em ambientes distintos que as tornam específicas, e esses ambientes também se alteram continuamente; se assim não fosse, haveria uma só língua no mundo humano e esta não passaria por mudanças”.

No caso da tradução literária, o processo tradutório se dá em diversas instâncias, pois é necessário um entendimento do conteúdo do texto a ser traduzido e, após isso, o entendimento de como essas informações chegarão ao leitor do texto traduzido: qual o formato delas, com base nas vivências, de relações sociais e as posições sociais ao longo da vida, já que o estudioso pondera, em relação a isso, que no caso da tradução, o tradutor coloca-se de certo modo na posição presumida pelo autor traduzido, o que é na verdade uma forma de criar para ele uma imagem em outra língua, já que ele só se dirige aos falantes da língua dele, e não da língua para a qual o tradutor traduz seu texto.

Sendo assim, a tarefa do tradutor é a de colocar-se como interlocutor do autor traduzido e a de colocar-se como autor ou coautor, do texto da tradução, constituindo para isso os interlocutores na língua para a qual deseja traduzir esse texto. (SOBRAL, 2008, p.39), ou seja, ele é, de certa forma, autor de um texto original na língua na qual o texto será traduzido. Seja por desempenhar o papel de condutor ou mediador desse trajeto, seja por chamar a responsabilidade de explicar na língua-alvo aspectos que são particulares do contexto da língua-fonte, o tradutor deve encontrar meios que levem ao leitor final as percepções culturais e semântico-lexicais escolhidas pelo autor original do texto e marcações da sua estilística. A estilística da obra em análise linguística e semântico-lexical apresenta aspectos que aproximam o leitor da oralidade em trechos que fazem menção a expressões e termos geralmente empregados na fala no povo amapaense. Podendo a obra ser caracterizada como regional amapaense, por trazer a um ambiente de mais prestígio (escrita literária) as variantes linguísticas em uso pela população em ambiente informal (geralmente mais presentes na oralidade).

1.6 Relevância dos aspectos culturais

As línguas estão enraizadas na cultura do povo em que elas estão inseridas, e por isso são manifestações verbais dessas culturas. Voltando à questão das diferenças entre as línguas, superficialmente, ao serem analisadas, percebe-se que elas possuem diferenciações internas entre si, o que chamamos de dialetos. Sendo que, geralmente, as regiões de um determinado país podem apresentar um nicho linguístico específico, além do ambiente padrão da língua, categorizados como linguagem formal e linguagem informal (variações linguísticas regionais).

Newmark (1995) distingue “linguagem universal” e “linguagem pessoal”, sendo a primeira um tipo de linguagem que todos podem entender e com a qual não existem problemas de tradução; a linguagem pessoal pode ser entendida como os dialetos específicos regionais ou simplesmente o modo de falar de cada um, os problemas de tradução vão aparecer, a não ser que exista algum tipo de conexão entre as línguas fonte e alvo, em que é possível estabelecer uma equivalência ou correspondência de expressões.

Cabe ao tradutor buscar mecanismos que virão proporcionar a criação de pontes culturais e linguísticas que afastem os usuários de um abismo de informações específicas

características da língua-fonte, e que podem não existir, necessariamente, na língua-alvo. Esse é um dos problemas mais recorrentes nos processos tradutórios, pois o tradutor terá de fazer suposições e ligações entre as línguas, pois não há como saber, com certeza total, como o leitor do seu texto traduzido vai interpretá-lo, devido a essa diferença de aspectos e contextos culturais entre as línguas.

Atualmente o trabalho do tradutor é bastante influenciado pela sociedade em que este vive, isto é, quando este traz um texto estrangeiro para a língua materna da comunidade linguística a qual este pertence, sendo assim de certa forma obrigado a adaptar esse texto para a sua realidade. Hornby (1992, p. 19) enfatiza esse fato ao elucidar que “*the translator’s habits and options will normally be influenced by his society’s dominant norms, specially by the institutional ones*”¹¹, o que dependendo do objetivo do trabalho pode ser benéfico para o entendimento do texto em si, no entanto se for para um engrandecimento cultural, isto pode não ser de grande ajuda. E nesse momento entra em foco a questão da fidelidade tradutória e a dúvida sobre a quem o tradutor será fiel: ao autor do texto em língua-fonte ou à comunidade linguística para qual o texto será traduzido. Esse processo também pode acontecer inversamente, como o caso de o tradutor adquirir o texto em sua própria língua e versá-lo para uma língua estrangeira. Muitas variáveis são levadas em conta, como o nível de conhecimento que o tradutor tem em relação a diversos fatores sociais da comunidade linguística na qual o texto será versado. Por isso a questão de um indivíduo sem formação adequada volta a ser levada em consideração, pois a gama de conhecimentos necessários para se fazer um trabalho de qualidade é grande.

Os aspectos culturais apresentados neste trabalho têm a preocupação de destacar a presença de elementos da oralidade em ambiente escrito considerado mais cânone pela esfera acadêmica, por meio dos textos escritos (os contos da obra em questão). Ressaltando que é bastante comum ouvirmos algumas das expressões ou palavras tipicamente características da sociedade amapaense no dia a dia, seja em esfera informal ou na academia em diversas áreas.

Santos (1994, p. 45) nos esclarece sobre esse aspecto que:

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se explica não apenas à percepção de cultura, mas também a sua relevância, à importância que passa a ter.

¹¹ “Os hábitos e opções do tradutor normalmente serão influenciados pelas normas dominantes de sua sociedade, especialmente as institucionais” (grifo nosso)

Porém, perceber determinadas nuances regionais na escrita amapaense ainda é bem pouco notado, seja pela ideia de senso comum que não prestigia o “falar” amapaense, seja pelas exigências mercadológicas que limitam as produções com nível menos rebuscado ou refinado estilisticamente. Diante desses dois pontos, os escritores que decidem por apresentar os elementos regionais são, de certa forma, cientes da “responsabilidade” de não seguir padrões predeterminados. Além disso, esclarecidos quanto aos fatores linguísticos que regem a concepção literária entre o uso da linguagem e o contexto desse uso para a produção a que se propõem. Visando ampliar a abrangência ou a proximidade entre seu texto e o leitor que tomará contato com sua publicação. Lefevere (1992, p. 58) aborda esse ponto muito bem, ao afirmar que “*writers can exploit all kinds of discrepancies between utterance (the use of language) and situation (the particular context in which language is used) to heighten the illocutionary power of their texts*”¹². Não limitando, assim, o público a determinado assunto, escrita padrão ou gênero cânone.

É papel preponderante do tradutor possuir conhecimento profundo sobre o teor de significado das escolhas textuais de produção do escritor, para agregar ao próprio entendimento a real intenção do escritor em determinadas escolhas lexicais e semânticas, pois traduzir simplesmente o léxico gramatical desconsiderando as diversas vertentes de emprego das palavras em contexto regional seria levar ideias sem nexos de uma língua à outra. Lefevere (1992) esclarece que os

*translators have to make sure that the registers, the types of utterance felt appropriate to a given situation, are similar, or at least analogous in different cultures. If they are not, the illocutionary power of the source text will not be heightened by a mere literal translation of the words on the page in what amounts to a cultural vacuum*¹³ (LEFEVERE, 1992, p. 58).

Em ambiente particular de ocorrência, ainda existe uma recorrência de busca por significados para expressões, jargões e palavras soltas que exprimem sentimentos e sensações bastante peculiares da cultura amapaense. Havendo, muitas vezes, a tradução intralingual para explicar significados de uso de determinadas expressões.

¹² “Os escritores podem explorar todos os tipos de discrepâncias entre o enunciado (o uso do idioma) e a situação (o contexto particular em que o idioma é usado) para aumentar o poder ilocucionário de seus textos” (grifo nosso)

¹³ “Tradutores precisam se certificar de que os registros e os tipos de enunciados apropriados a uma dada situação são semelhantes ou, pelo menos, análogos em diferentes culturas. Caso não o façam, o poder ilocutivo do texto-fonte não será destacado por uma mera tradução literal das palavras na página, o que equivale a um vácuo cultural” (grifo nosso)

Quando o trabalho aborda a identificação, manuseio de uma versão para a língua inglesa e criação de glossário para catalogação e registro dessas expressões, existe uma necessidade de consolidar os aspectos culturais regionais que influenciam os recortes de contos do autor escolhido. O ponto lexical torna-se interessante devido à percepção de que certas palavras comuns ao contexto macro da língua (com definição em dicionário), podem apresentar significação diferente em contexto regional, com uso bem específico, especialmente na oralidade.

Outras palavras não são encontradas em manuais normativos da língua materna e por essa razão, carecem de uma dupla abordagem de explicação, para que adquira validação entre os indivíduos que falam a mesma língua e consigam diferir aspectos regionais, além de exigir do tradutor a decisão de ações (manter a palavra original do contexto, criar uma nova palavra para a língua-alvo ou simplesmente explicar a significação de uso dessa palavra), como no caso de “pimbudo”¹⁴.

Pois reafirma o teórico sobre os tradutores, *“If they cannot translate specific register-based illocutionary items, they may have to compensate by adding register-based illocutionary items where the target culture would allow such an addition”*¹⁵ (Lefevere, 1992, p. 58). Esses itens a serem adicionados devem conter a carga semântica que rege cada situação de uso, pois *“each utterance is appropriate to a certain situation, but the situations are not normally juxtaposed in such a flagrant manner”*¹⁶ (Lefevere, 1992, pp. 60-61). A justaposição refere-se ao melhor encaixe de seleção de palavras ou explicação que consiga validar o real sentido das escolhas lexicais feitas pelo escritor.

¹⁴ Significado regional: Garoto em fase juvenil desprovido de coragem, agilidade, habilidade em comparação aos demais. Besta, bobo.

¹⁵ “Se eles não conseguem traduzir itens ilocutivos específicos, eles podem ter que compensar adicionando itens ilocutórios, onde a cultura-alvo permitiria tal adição” (grifo nosso)

¹⁶ “Cada enunciado é apropriado para uma determinada situação, mas as situações normalmente não são justapostas de forma tão flagrante” (grifo nosso)

2. METODOLOGIA

Este trabalho de pesquisa engloba características de cunho quantitativo e qualitativo (abordagem quali-quantitativa), devido aos aspectos definidos na obra trabalhada e as vertentes de análise durante o processo de tradução.

O fator qualitativo da pesquisa traz sutilmente aspectos etnográficos (sem um aprofundamento incisivo da base teórica cultural regional), ao se debruçar sobre o viés social de que a língua é o elemento vivo de um povo e está intrinsecamente ligada às conexões semântico-discursivas que os indivíduos constroem no movimento de enunciação e concretude de significados. Mesmo em face à seleção de dados extraídos especificamente para atingir o objetivo principal do trabalho, o conjunto da obra apresenta um contexto bastante expressivo para a área linguística e literária, ampliando a percepção de manifestação oral efetiva entre os usuários da língua e a validação em registros das formas escritas de alguns aspectos que não transcendiam ao campo formal da língua.

A busca de meios para, subjetivamente, trazer à tona a significação das palavras/expressões regionais e conduzir a outro idioma demandou conhecimentos culturais e científicos conjuntos dos tradutores dos sobre os textos para se chegar a um denominador comum que resultasse em aproximação de ideias do autor em língua-fonte e o texto traduzido para a língua-alvo. Chizzotti (1991, p. 79) amplia essa significação afirmando que:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado.

A problemática que estimulou a pesquisa surgiu da necessidade, justamente, da discussão acadêmica acerca de detalhes que caracterizam a variação sociolinguística que contempla a sociedade amapaense, seja composta por indivíduos nativos, seja por indivíduos oriundos de estados próximos, que compartilham da linguagem peculiar com uma variedade enorme de usos de palavras/expressões que mantêm, ampliam ou geram novos sentidos a determinadas situações contextuais. O papel do tradutor, em meio ao contexto, é imprescindível na tentativa de identificação, uso e transposição interlingual (inclusive intralingual, muitas vezes) dessas palavras/expressões. O registro em obras literárias dessas

expressões regionais reforça a importância sociocultural de construção comunicativa entre os falantes.

É consenso que as manifestações linguísticas estabelecidas entre os indivíduos consolidam aspectos peculiares e determinantes que caracterizam uma estrutura nortista de vocabulário, cultura e linguagem. A nuance etnográfica abarca justamente essa identificação inerente do povo com sua língua, seus dizeres e contextos de uso específicos, pois, conforme André (2012, p. 19):

A principal preocupação na etnografia é com o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas ou os grupos estudados. Alguns desses significados são diretamente expressos pela linguagem, outros são transmitidos indiretamente por meio das ações. (...) esses sistemas de significado constituem a sua cultura.

Nesta pesquisa, os principais pontos de análise giram em torno do levantamento de registros que corroboram com a cientificidade linguística em estudos da tradução, devido a trazerem consigo as problematizações e desafios no campo semântico-lexical quando nos referimos à ideia de explicar a cultura amapaense. A exposição das expressões que dão corpo à pesquisa torna satisfatória a seleção e identificação dos movimentos tradutórios escolhidos. O foco voltou-se primeiramente à identificação dos entraves semânticos encontrados diariamente pela população que usa a língua (tanto na fala, quanto na leitura), e, posteriormente na ampliação aos usuários de outras regiões de forma intralingual e interlingual as explicações acerca do real sentido de uso dessas palavras/expressões em contexto amapaense ou na região norte, por meio da confecção de um glossário bilíngue.

A pesquisa direcionou-se à análise de expressões que exigem o domínio linguístico e semântico do tradutor no que tange às expressões utilizadas. Ressaltou-se que léxicos com significação geral (na norma padrão linguística) podem ganhar significação particular ou restrita a contextos regionais, como por exemplo, a palavra “injurada”, de “injuriar” que significa “1. Dirigir insulto, injúria a, ofender. 2. tornar infame, desonrar. 3. Causar estrago, lesão ou dano a. 4. Irritar-se, zangar-se”¹⁷; e em contexto regional, registrado por Paulo Tarso, aparece sem a conotação usual de ofensa ou injúria a outrem. Existem também palavras regionais como “pimbudo” e “Marabaixo”, que não possuem entrada com

¹⁷ Dicionário Houaiss Conciso, 2011, p. 539.

definição de uso regional nos dicionários Aurélio e Houaiss¹⁸ na norma padrão da língua, ainda que sejam extremamente utilizadas e compreendidas no contexto regional.

Além disso, fez-se necessário que os tradutores assumissem a posição de leitores, primeiramente o da própria língua materna, sendo este leitor oriundo de uma região em que o dialeto estabelecido não fosse necessariamente o mesmo presente no texto-fonte, para que pudesse haver a compreensão intralingual e diversas interpretações possíveis, especificamente das expressões idiomáticas. Posteriormente como um leitor oriundo de alguma comunidade linguística que fale a língua inglesa, que possivelmente terá o contato com esse texto traduzido.

Nesse sentido, a preservação do conteúdo do texto-fonte ou a preservação da forma de escrita do autor do texto de origem eram opções disponíveis no que diz respeito à feitura das traduções. Ambos os caminhos possuem características e objetivos próprios. Sentindo a necessidade de se reforçar o uso da linguagem regional, que não necessariamente é utilizada formalmente, optou-se por escolher preservar a forma escrita do autor original. Dessa forma, a tradução ocorreu com uma inclinação mais literal, justamente para que não houvesse perda desse estilo que é a marca do texto de origem, haja vista que preservando o conteúdo, muitas palavras, expressões e sentenças teriam de ser realocadas e transformadas para atingir o objetivo de transposição de conteúdo e contexto. Apesar de que essa perda de informação cultural de certa forma é compensada, já que o estilo do autor é uma representação cultural regional da língua materna que o influencia, sendo assim, o estilo contempla boa parte da representatividade do texto, o que o diferencia de outros.

A pesquisa também voltou-se para uma classificação exploratória e explicativa, pois abrangeu uma fase posterior à seleção dos dados (contos escolhidos) voltada à análise das melhores maneiras de solucionar problemas de tradução que surgiram previsivelmente no decorrer da tradução dos textos para a língua inglesa, visando a mecanismos que sanassem as adversidades a cada nova adequação de sentidos, além de criar um banco de dados (glossário) que possa ser ampliado conforme a continuidade e início de novas pesquisas na área de estudo levantada nesse trabalho, além de direcionar a consolidação de discussão sobre a catalogação de léxicos regionais em uso restrito de sentido e as possíveis formas de entendimento intralingual e interlingual desses significados. O glossário fez-se parte essencial dessa etapa

¹⁸ Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Objetiva, 2009. / Dicionário Aurélio da língua portuguesa. Nova Fronteira, 2000.

para que se pudesse levantar o máximo de aplicações lexicais ao contexto de uso no processo tradutório. Com especial objetivo de que possa ser usado em recorrentes trabalhos de tradução envolvendo essas palavras/expressões e outras ainda a serem incluídas em trabalhos futuros. Esse aspecto quantitativo da pesquisa se embasa na visão de Chizzotti (1991, p. 54), ao afirmar que “a análise dos eventos observados deve produzir descrições que se fundamentam na frequência das incidências e garantam a confiabilidade das descrições”.

O procedimento consistiu-se em várias etapas. O primeiro passo para a coleta de dados envolveu um processo sistemático, por meio da técnica de leitura *scanning*¹⁹. Procurou-se nos contos selecionados as expressões nitidamente regionais, fazendo-se, em seguida, a listagem destas em um glossário inicial provisório. Posteriormente, uma nova avaliação dessas expressões foi necessária para que fossem estabelecidos os significados destas em língua materna nos dicionários Aurélio e Houaiss. Em seguida, tendo como base a etapa anterior, um dicionário bilíngue (Michaelis – Português/Inglês – Inglês-Português)²⁰ foi utilizado para a procura dos significados na língua estrangeira. Na etapa seguinte, utilizou-se apenas o dicionário de língua estrangeira (dicionário Oxford Advanced Learner’s)²¹ para se obter os significados literais, semelhantes ou equivalentes destas expressões. Nesta etapa, ao se procurar expressões correspondentes ou equivalentes, foram encontradas algumas consistentes e condizentes com a veracidade das culturas de ambas as línguas, e em algumas situações foi necessário ir mais a fundo, como é o caso de animais ou plantas que recebem nome vulgar ou nome comum, em que foi preciso utilizar de mecanismos de pesquisa mais específicos como a busca do nome científico.

Um dos entraves que teve destaque na pesquisa foi exatamente a evidência de palavras tipicamente regionais em contextos situacionais, bastante usadas e difundidas na oralidade, mas que não foram possíveis de se encontrar nenhuma referência nos dicionários monolíngues de língua materna utilizados na pesquisa, e que sofreram escolhas tradutórias particulares nos correspondentes estrangeiros utilizados, como é o caso de “Marabaixo²²” e

¹⁹ *Scanning*: é um tipo de leitura (mais detalhada e atenta) que faz com que o leitor obtenha informações específicas dentro do texto. Um tipo mais aprofundado de leitura que varia de acordo com os objetivos do leitor. Fonte: http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1056/1/Estrat%C3%A9gias%20de%20leitura%20-%20Skimmig%20e%20Scanning_Camila%20Hofling.pdf

²⁰ Michaelis: dicionário prático inglês, 2.ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

²¹ *Oxford Advanced Learner’s Dictionary of Current English. Oxford University Press. 8 ed. 2010.*

²² Marabaixo: durante o Brasil colonial foi erguida a Fortaleza São José de Macapá com o objetivo de proteger a entrada do rio Amazonas. Os escravos africanos vieram dos mais diferentes pontos da África, destacando-se no

“pimbudo²³”. Esse fato despertou ainda mais a cientificidade do trabalho linguístico que embasa a pesquisa. Portanto, os cunhos quantitativo e qualitativo encontram-se no ambiente de coleta de dados, pois concordando com André (2012, p. 24-25), esse processo “...reservaria os termos quantitativo e qualitativo para diferenciar técnicas de coleta ou, até melhor, para designar o tipo de dado obtido, e utilizaria denominações mais precisas para determinar o tipo de pesquisa realizada: histórica, descritiva, participante, etnográfica, fenomenológica etc.”, e neste trabalho existem nuances desses tipos de pesquisas citadas, principalmente sob o aspecto descritivo e investigativo sobre os dados das línguas trabalhadas. Histórica no sentido de que essas expressões fazem parte de um contexto histórico regional que perdura por gerações na população amapaense, e muitos as reconhecem facilmente; apesar de o trabalho da tradução ser um transporte de informações, uma mudança, de certa forma, no que concerne à pesquisa descritiva, houve a observação, interpretação e explicação das expressões em língua materna, o que sem a interferência dos pesquisadores, tornaria inconsistente apenas a delimitação de seus significados por meio dos dicionários. O ponto etnográfico da pesquisa está em compreender essas expressões, e o texto como um todo, como um relato cultural do povo amapaense, em que de certa maneira alguns costumes e modos de viver encontrados nos textos são verossímeis com a realidade local.

De forma quantitativa, foram selecionados e traduzidos 4 (quatro) contos para a língua inglesa. A obra escolhida foi considerada de grande valia para a pesquisa, por abordar uma produção tipicamente regional. Dentre os 14 (quatorze) contos que compõem o livro *História de um Sino*, foram extraídas 49 (quarenta e nove) palavras/expressões que, no entendimento dos tradutores, poderiam encaminhar o trabalho de pesquisa para o objetivo de regionalização contextual de uso. A etapa que se seguiu demandou o uso de dicionário bilíngue (inglês – português / português – inglês), visando os vários léxicos sugeridos como alternativa de tradução. O passo posterior voltou-se para a confirmação em dicionário monolíngue (inglês) de cada uma das alternativas sugeridas, com foco na que melhor se

entanto, os de Mazagão e de Yorubá. No trajeto África-Brasil, tocavam em caixas como forma de abrandar suas tristezas. Sabiam de onde vinham, mas não sabiam para onde iam, nem o que iam fazer. No mar a baixo, o canto e o toque das caixas revelava um tom de melancolia e tristeza. (...) A festividade instaurada nos dias atuais homenageia a Santíssima Trindade e o Divino Espírito Santo, através de missas e ladainhas. O lado profano é caracterizado através da dança e da música, normalmente improvisada, carregada de tristeza ou alegria, traduzindo os sentimentos do dia-a-dia da comunidade negra. Ao som das caixas e tambores rusticamente confeccionados na madeira cavada, os participantes que na sua maioria são negros e mulatos sem limites de idade, dançam ao redor dos tambores respondendo em coro e voz alta. Disponível na página: <<http://profmarcioalexgeo.blogspot.com.br/2011/06/manifestacoes-culturais-do-amapa.html>>

²³ Garoto em fase juvenil desprovido de coragem, agilidade, habilidade em comparação aos demais. Besta, bobo.

encaixasse na definição mais próxima do uso contextual real que o autor pretendeu criar e levando-se em conta os princípios de equivalência, fidelidade e unidade tradutória.

A pesquisa permeou algumas fases de organização e análise dos dados para a postulação de soluções às traduções que foram feitas, ocorrendo, assim, o processo de identificação e seleção das palavras/expressões. Em seguida, houve a leitura dos contos selecionados em Português, para constatar que havia uma conjuntura de uso que favorecesse a significação regional desses léxicos. O passo seguinte visou à busca de significados em dicionário monolíngue (português)²⁴, para confirmar o significado no sistema normativo padrão da língua, com registro de todos os resultados de significados aplicados a cada palavra ou expressão.

Os dados foram tabulados, armazenados em planilha contendo pontos como palavras/expressões, significado em língua materna juntamente com o significado contextual de uso, léxicos associados em língua estrangeira e escolha lexical adequada ao sentido contextual feita pelo autor do texto-fonte. A etapa seguinte foi a busca de significados em dicionário bilíngue (inglês – português \ português – inglês) para trazer o máximo de léxicos associados à pesquisa de cada palavra e a busca de significados em dicionário monolíngue (inglês), para verificação de que melhor léxico utilizar, visando à aproximação entre os significados daquilo que o autor quis expressar e que o leitor de língua-alvo entenderia. Feitas as anotações, em separado, dos léxicos escolhidos, iniciou-se a tradução dos contos para o inglês, buscando-se uma aproximação ao texto-fonte. Sendo assim, as traduções foram feitas mediante análise de cada parágrafo dos textos conectando as ideias e estruturas dos mesmos. A fase de conferência do processo tradutório individual foi mediada por meio de protocolos de tradução²⁵, cuja finalidade principal é levantar subjetivamente os trajetos percorridos por cada tradutor na elaboração de um texto em língua-alvo.

²⁴ Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Objetiva, 2009. / Dicionário Aurélio da língua portuguesa. Nova Fronteira, 2000.

²⁵ Também chamados de protocolos verbais, consistem em um procedimento que têm como foco levantar dados do processo individual e das escolhas de cada tradutor envolvendo esse processo tradutório dos textos, com correções, sugestões e refações anotadas e acordadas entre os tradutores.

3. GLOSSÁRIO E TRADUÇÃO DOS CONTOS

A proposição do glossário corrobora exatamente com a formulação de um acervo que contenha as variedades linguísticas caracterizadas pelas marcas de uso de um grupo social cujo teor de produção seja representativo de uma esfera micro ou macro de determinada sociedade. Conforme Welker (2005, p. 25), o glossário:

Pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado [...] numa situação de enunciação e de enunciado, numa situação de discurso exclusiva e bem determinada [...] deve recuperar, armazenar e compilar palavras-ocorrências [...] extraídas de um único discurso concretamente realizado. Portanto, glossários se encontram geralmente no final de certos livros para esclarecer o significado de determinadas palavras ou expressões usadas pelo(s) autor(es): as unidades que o lexicógrafo seleciona e as informações gramaticais e semânticas que sobre elas são fornecidas dizem respeito a um *corpus*, exteriormente delimitado, que funciona como discurso individual, como exemplo de um acto de fala produzido num dado tempo e lugar. A unidade-padrão dos glossários é a *palavra*.

Ressaltando-se que o trajeto percorrido para a elaboração desta proposta de glossário perpassa pelas consultas indispensáveis de dicionários monolíngues e bilíngues para ampliação lexical de itens na pesquisa. Movimentos de suma importância para os passos seguintes e destacados por Welker (2006), ao afirmar que o dicionário bilíngue é o primeiro e mais importante ponto de auxílio do tradutor, e um tradutor que não consulta um quando tem dúvidas é arrogante ou ignorante, ou ambos, além de elucidar que o uso de dicionários monolíngues é comumente mais frequente entre os estudantes ou tradutores mais avançados em determinada língua estrangeira, e que, contudo, os resultados obtidos na utilização de dicionários monolíngues não excedem os resultados obtidos com o uso de dicionários bilíngues na área da tradução.

A ordenação de entradas das palavras ou expressões registradas neste trabalho obedece a ordem alfabética linear, que segundo Welker (2005, p. 82) “consiste em seguir estritamente a ordem alfabética” dos termos selecionados, objetivando uma melhor visualização didática dos itens (ressalvadas as possibilidades de registros ortográficos com erro ou não amparados pelos acordos ortográficos vigentes).

Procurou-se evitar ao máximo as traduções lexicais literais para a língua inglesa das expressões regionais destacadas. E em relação aos desafios e decisões, buscou-se

estabelecer léxicos que correspondessem a ideias aproximantes aos contextos interpretados em língua-fonte, pois de acordo com Snell-Hornby (1990, p.224 apud Welker, 2004, p. 255) “é tarefa do tradutor não procurar o item lexical que possa ser inserido, e sim usar as informações fornecidas como um auxílio no seu importantíssimo processo decisório na recriação do texto”. O processo de criação dos contos em língua-alvo estabeleceu-se em função da seleção lexical em língua-fonte e a recriação de mesmo sentido intencional do autor em língua-alvo.

No contexto amapaense de Estudos da Tradução, a pesquisa não constatou a existência de dicionários ou glossários com expressões regionais traduzidas para a língua inglesa. Estes seriam de grande valia para a pesquisa, haja vista a referência científica que poderiam agregar aos trabalhos iniciais. Welker (2005, p. 255) afirma que ainda faltam dicionários ‘específicos para tradutores’ ou com os quais ‘os tradutores ou estudantes da tradução estejam satisfeitos, nessa perspectiva, esta proposta do referido glossário tem como intuito destacar expressões e traduzi-las, levando consigo a ideia de utilidade linguística para a área de tradução proveniente de obras/produções no Estado do Amapá, além de destacar conhecimentos academico-literários do contexto regional.

3.1 Glossário

PALAVRA / EXPRESSÃO NA LÍNGUA-FONTE	SIGNIFICADO EM LÍNGUA-FONTE	CONTEXTO DAS EXPRESSÕES NOS TEXTOS EM LÍNGUA-FONTE	ESCOLHA DOS TRADUTORES EM LÍNGUA-ALVO
ABACTOR	1. ladrão de gado; que rouba gado; ladrão de animais.	“...um elemento chamado Gerôncio, famigerado abactor que infernizava a vida dos pequenos criadores da Baixada”. (Galo mentiroso, p. 23)	ABACTOR
AGUARDENTE	Bebida de alto teor alcoólico, obtida por destilação de muitos frutos, cereais, raízes, sementes, etc.	“...pedia um litro de aguardente da terra...” (Galo mentiroso, p.24)	FIREWATER
AMOLEGADO	Tornado mole, amolecido, amolentado.	“Sentou-se num amolegado e surrado caixote vazio” (História de um sino, p.18)	WEAK
APARELHAGEM	1. conjunto de acessórios, peças que compõem um equipamento.	“...cada qual com a sua aparelhagem de som ligada no mais alto volume”. (A usina, p. 39)	SOUND SYSTEM
AREAR	Limpar, polir, esfregando com areia ou outra substância.	“...um balde velho que a mulher ariava todos os dias com sabão de andiroba...” (Galo mentiroso, p. 23)	SCOUR
AVACALHAR	Fazer escárnio, desmoralizar, zombar (pessoal); fazer com desleixo, sem cuidado.	“...de uns tempos para cá, eles estão querendo avacalhar comigo” (Quantas carradas, patrão?, p. 53)	TO MOCK
BENZEDEIRA	Mulher que aplica benzedura.	“...remédios caseiros de dona Matilde, também benzedeira ”. (Último bilheteinho, p. 14)	TRADITIONAL HEALER
BIMBALHAR	Fazer repicar ou repicar, fazer soar ou soar (sino ou sinos); badalar.	“...ouveu-se de repente um bimbalhar festivo como antigamente”. (História de um sino, p. 20)	RINGING

PALAVRA / EXPRESSÃO NA LÍNGUA-FONTE	SIGNIFICADO EM LÍNGUA-FONTE	CONTEXTO DAS EXPRESSÕES NOS TEXTOS EM LÍNGUA-FONTE	ESCOLHA DOS TRADUTORES EM LÍNGUA-ALVO
BOTAR FÉ	Crer religiosamente; crer, acreditar positivamente; fazer/ter/levar/pôr fé em alguém ou alguma coisa.	“-Aqueles remédios que essa velha prepara eu não boto fé , não” (Último bilhete, p. 14)	<i>TO PUT CONFIDENCE IN SB/STH</i>
CABOCLO	1. mestiço descendente de índio e branco. 2. caipira, roceiro, matuto. 3. relativo a esse mulato e caipira, seus aspectos, seus hábitos, sua índole. 4. da cor morena do cobre.	“...ele simplesmente afirmava: Eu quero ver é na boca da urna, caboclo! ” (O velho Maneco Bogéa, p. 52)	<i>HICK</i>
CACHACEIRO	Quem ou que costuma beber cachaça ou outra bebida alcoólica em grandes quantidades ou imoderadamente.	“O pedreiro, músico e cachaceiro Bolinha de Açúcar (...)” (História de um sino, p. 17)	<i>DRUNKARD</i>
COCO BABAÇU	Babaçu (palmeira de folhas usada no fabrico de esteiras, cestos, com frutos comestíveis de onde se extrai óleo) coco (amêndoa do fruto de babaçu, com sabor característico in natura e após torrefação para extração do azeite) (<i>Attalea speciosa</i>).	“...um carregamento de coco babaçu para as fábricas”. (O velho Maneco Bogéa, p. 50)	<i>BABASSU COCONUT</i>
COMÉRCIO	Estabelecimento comercial de pequeno porte, porém que possui uma diversidade grande produtos.	“...quando não tinha dinheiro geralmente procurava o pequeno comércio da filha ...” (Galo mentiroso, p. 24)	<i>MOM AND POP STORE</i>
DESEMBESTAR	Correr desenfreadamente; arremessar-se; disparar.	“...ao sentir-se espetado, desembestou na maior correria(...)” (Galo mentiroso, p. 24)	<i>TO RUSH</i>
ESCABREADAS	Que se zangou; agastado, desconfiado, mal-humorado.	“...andava pelas ruazinhas cumprimentando as pessoas escabreadas ”. (História de um sino, p. 17)	<i>WARY</i>
ESCARAFUNCHAR	Limpar com o dedo, palito, etc; procurar, examinar ou investigar com insistência, com paciência.	“...Dr. Washington Luiz Maciel Cantanhêde, promotor que vivia escarafunchando arquivos mortos...” (História de um sino, p. 18)	<i>TO RUMMAGE</i>

PALAVRA / EXPRESSÃO NA LÍNGUA-FONTE	SIGNIFICADO EM LÍNGUA-FONTE	CONTEXTO DAS EXPRESSÕES NOS TEXTOS EM LÍNGUA-FONTE	ESCOLHA DOS TRADUTORES EM LÍNGUA-ALVO
ESPALHAR	Fazer alastrar; disseminar; propagar; tornar público (alguma notícia).	“...da maneira como andam espalhando por aí...”, “Mas sabem o que esses palhaços andam espalhando desde muito tempo?” (Quantas carradas, patrão?, p. 54)	<i>TO TITTLE-TATTLE</i>
FALAR BESTEIRA	Falar bobagem, tolice, asneira.	“Eles começam a falar besteira desde as cinco horas da manhã...” (Quantas carradas, patrão?, p. 54)	<i>TO TALK RUBBISH</i>
FARRA	1. festa ruidosa, com danças, cantos e bebidas. 2. gozação ou brincadeira sobre alguém ou algo.	“Fizemos uma farra , colocamos o noivo para dançar e ...” (O casamento de Josué, p. 26)	<i>BINGE</i>
FIADO	Comprado ou vendido a crédito.	“- Não sei. Estou sem um centavo. Vou tentar comprar um remédio fiado ”. (Último bilheteinho, p. 13)	<i>ON THE CUFF</i>
FORMIGA-DE-FOGO	Designação comum a várias espécies de formigas, especialmente do gênero <i>Solenopsis</i> , de pequeno porte, geralmente avermelhadas, cuja ferroadada é dolorosa.	“Nunca vira uma terra tão cheia de formigas de fogo ...” (Último bilheteinho, p. 13)	<i>FIRE ANT</i>
FRESCO	Aquele que é efeminado.	“...passei o olho gordo na fulana que não sou fresco nem otário”. (Quantas carradas, patrão?, p. 54)	<i>GAY</i>
FRETE	Carregamento ou carga transportada mediante pagamento; o que se paga a alguém para fazer alguma coisa.	“...batendo papo, fumando um cigarro e aguardando algum serviço de frete ...” (Quantas carradas, patrão?, p. 54)	<i>FREIGHT</i>
FRIAGEM	Temperatura baixa; queda repentina de temperatura causada por frentes frias provindas de regiões árticas.	“O quase bicho-homem, como a friagem , foi absorvido pela escuridão...” (Um susto, p. 68)	<i>COLD SURGE</i>

PALAVRA / EXPRESSÃO NA LÍNGUA-FONTE	SIGNIFICADO EM LÍNGUA-FONTE	CONTEXTO DAS EXPRESSÕES NOS TEXTOS EM LÍNGUA-FONTE	ESCOLHA DOS TRADUTORES EM LÍNGUA-ALVO
FULANA	Pessoa do sexo feminino não identificada; tom de ironia (menosprezo).	“Eu também me manifestei, passei o olho gordo na fulana ...” (Quantas carradas, patrão?, p. 54)	MRS. SO-AND-SO
GENGIBIRRA	1. espécie de cerveja de gengibre e outros ingredientes. 2. Cachaça.	“...uma turma de aposentados e amigos jogava dominó, tomava gengibirra enquanto passava o tempo, usufruindo bons momentos...” (Umas e outras do Seu Paulino, p. 58)	GENGIBIRRA: A DRINK MADE OF GINGER AND CACHAÇA (BRAZILIAN FIREWATER)
GOZAÇÃO	Peça que se prega em alguém; chacota; zombaria.	“Mas as coisas não aconteceram da maneira como andam espalhando por aí com jeito de gozação , piada de mau gosto...” (Quantas carradas, patrão?, p. 54)	MOCKERY
GRACINHAS	Coisas feitas para atrair a atenção de alguém.	“...quando passou uma bela morena, chamando a atenção de todo mundo. E foram assobios, gracinhas ...” (Quantas carradas, patrão?, p. 54)	JESTS
INJURIADA	1. alguém que sofreu insulto, injúria, ofensa. 2. tornada infame, desonrada. 3. que sofreu estrago, lesão, dano. 4. irritada, zangada.	“A mãe, injuriada e arrogante, nunca perdia a oportunidade de se referir a Maurício como “aquele desgraçado que não tem onde cair morto...” (Visita ao casal sem filhos, p. 29)	ANNOYED
MÃE D'ÁGUA	Mito ofídico das águas, elemento cosmogônico das populações indígenas brasileiras, cuja crença ainda sobrevive em certas áreas.	“...provocaria grandes redemoinhos no pacato e bucólico rio Mearim, despertando as mães-d'água e outras criaturas mitológicas ribeirinhas(...)” (História de um sino, p. 19)	MOTHERS OF WATER BODIES
MANHA	1. processo particular e eficaz para conseguir um objetivo ou dado efeito; segredo. 2. talento para realizar algo; desenvoltura, destreza. 3. mania, temperamento, vício.	“O moleque conhecia todas as manhas do animal...” (Galo mentiroso, p.23)	TO GET THE HANG OF
MARABAIXO	1. dança típica e patrimônio cultural do Estado do Amapá	“...Seu Paulino era descendente do famoso Mestre de Marabaixo Julião Thomaz Ramos...” (Umas e outras do Seu Paulino, p.57)	MARABAIXO (THE TYPICAL DANCE FROM AMAPÁ STATE)
MATADOURO	1. lugar onde se abatem as reses para consumo público. 2. lugar muito insalubre. 3. abatedouro.	“Eles assumiram também o controle do matadouro ...” (A usina, p.42)	SLAUGHTER HOUSE

PALAVRA / EXPRESSÃO NA LÍNGUA-FONTE	SIGNIFICADO EM LÍNGUA-FONTE	CONTEXTO DAS EXPRESSÕES NOS TEXTOS EM LÍNGUA-FONTE	ESCOLHA DOS TRADUTORES EM LÍNGUA-ALVO
MEXER	1. importunar com brincadeiras, gracejos ou provocações. 2. Dirigir palavras, elogios, insinuações a alguém.	“...só de me lembrar de que a corriola toda mexeu com a distinta...” (Quantas carradas, patrão?, p.54)	<i>TO TEASE</i>
ORLA RIBEIRINHA	Orla: 1. faixa de terra que ladeia um rio, lago ou lagoa; beira, borda, margem. 2. Faixa de terra estreita e longa. Ribeirinho: 1. que se localiza ou vive às margens de rio ou ribeira.	“...um bruxopoeta aposentado passeava pela orla ribeirinha de Macapá”. (Umas e outras do Seu Paulino, p.67)	<i>RIVER SHORE</i>
PARAGEM	1. local onde algo ou alguém pode ser encontrado. 2. redondeza, cercania, vizinhança, região.	“...Peidão era bastante respeitado naquelas paragens... ” (Galo mentiroso, p.23)	<i>REGION</i>
PÉ RAPADO	1. indivíduo de humilde condição social. 2. homem/sujeito desprovido de condições financeiras.	“...quanto mais de um prefeitinho pé rapado aqui da nossa terra...” (Umas e outras do Seu Paulino, p.58)	<i>FLAT BROKE</i>
PIMBUDO	Garoto em fase juvenil desprovido de coragem, agilidade, habilidade em comparação aos demais. Besta, bobo.	“Eu era menino barrigudo e pimbudo mas me lembro”. (Umas e outras do Seu Paulino, p.60)	<i>CHUMP</i>
PINGUÇO	1. beberrão. 2. embriagado. 3. cachaceiro.	“...o comerciante e pinguço Estevão Nolasco...” (História de um sino, p.17)	<i>BOOZER</i>
PRA CARAMBA	Expressa admiração, surpresa ou ironia, intensidade para mais. Bastate! Muito! Demais!	“Mas apanhei porque sou macho pra caramba ”. (Quantas carradas, patrão?, p.55)	<i>TOO MUCH</i>
PUÍDO	1. desgastado por atrito, gerado em decorrência de uso. 2. bastante gasto e já ralo devido ao uso constante. 3. desgastado usando ou friccionando.	Usava chapéu de couro, já gasto, empretecido e puído... ” (Galo mentiroso, p.23)	<i>THREADBARE</i>
QUE DIACHO!	Sinônimo de diabo; segundo a crença de diferentes povos antigos e modernos, espírito ou gênio do mal.	“Você é um homem que não acredita em nada. Que diacho! ” (Último bilhetinho, p.14)	<i>WHAT THE HECK!</i>

PALAVRA / EXPRESSÃO NA LÍNGUA-FONTE	SIGNIFICADO EM LÍNGUA-FONTE	CONTEXTO DAS EXPRESSÕES NOS TEXTOS EM LÍNGUA-FONTE	ESCOLHA DOS TRADUTORES EM LÍNGUA-ALVO
QUEBRANTO	1. segundo superstição popular, mal-estar provocado por mau-olhado. 2. suposta influência malvada de feitiço; mau-olhado.	“Juquinha está doente. Só pode ser quebranto ”. (Último bilhete, p.13)	EVIL EYE
QUITANDA	1. tabuleiro com gêneros e mercadorias dos vendedores ambulantes. 2. pequeno estabelecimento onde se vendem frutas, legumes, cereais, ovos, etc.	“Só as contas na quitanda consumiam a maior parte do dinheiro apurado”. (Último bilhete, p.13)	GREENGROCERY
REMELENTO	1. cheio de remela. 2. que tem remela; remelado, remeloso.	“...cheias de fedelhos sujos, magricelas e remelentos ”. (A usina, p.39)	RHEUMY-EYED
SABÃO DE ANDIROBA	Andiroba (<i>Carapa guianensis</i>): árvore tropical de até 30 m, com madeira de qualidade, flores amarelas ou vermelhas, de cujas sementes se extrai óleo medicinal; árvore meliácea de madeira útil e que fornece óleo útil.	“...a mulher ariava todos os dias com sabão de andiroba e casca de coco babaçu”. (Galo mentiroso, p.23)	CARAP SOAP
SAFADEZAS	1. ato ou dito próprio de pessoa ruim, safada, baixeza, indignidade. 2. vileza; desfaçatez; ato ou dito pornográfico ou imoral; imoralidade, libertinagem, devassidão.	“...me acostumei com as suas safadezas e até desconfiava de que o irracional...” (Quantas carradas, patrão?, p.53)	NAUGHTINESS
VASILHAMES	1. quantidade ou conjunto de vasilhas (vaso, recipiente). 2. recipiente para líquidos ou sólidos; vasilhas.	“Encontrei gente com canecas e vasilhames mendigando água...” (A usina, p.44)	BOWL
VISAGENS	1. fantasma, visão. 2. Assombração. 3. aparição sobrenatural.	“...política, adultérios, visagens , afogamentos e todos os assuntos importantes...” (História de um sino, p.17)	WRAITHS

3.2 Textos traduzidos para a língua-alvo

A fright

At a certain dawn when it was almost winter, a retired poet wizard was walking along the **river shore** in Macapá. Melancholic, he was full of reminiscences of his European ancestors, who were burned, tortured, cut into quarters and suffered all kinds of persecutions. Before the regular walk tour, he had been reading again some ancient manuscripts, always imperfect and unfinished, sometimes written in Greek, sometimes in the Alchemists' extinct ciphered language - and only understood by half a dozen of human beings throughout the world. Even knowing the uselessness of those notes, which have already consumed dozens and dozens of huge black cover books, he persisted on keep writing, commenting on the events of the world and recording the daydreams of imagination. Only a few hermetic and innocent poems were published discreetly in booklets in an archaic printer which he had bought in Germany in 1888. He wouldn't report a single line about the author's biography. Although young, once he was a little more than three centuries, he lived solemnly alone and unhappy like an exotic animal, an alienist being.

Suddenly, a werewolf, a fugitive from the lunatic asylum of hybrid species of the Amazon, attacked him from behind, knocking him into the dirty and cold water of the dawn. It was so that he decided, feeling anger and pain, to stop being a retired wizard - moreover, the wizards social insurance system, besides clandestine, was absolutely bankrupt. False wizards, disgraceful politicians and even religious people seized a large part of the resources. In the National Congress there was no longer any legitimate representative of the category. So, at that moment, all wet and dirty with mud, listening to the screams and hysterical howls of the madden werewolf, he resumed his powers, made some histrionic gestures, liberated invisible and half-asleep energies, and struck the hairy and flabby skinned face of the old and paranoid werewolf, who fled in despair. The almost beast-man, as the **cold surge**, was absorbed by the darkness, perhaps disenchanting himself awayforever.

How many loads, boss?

Look, I don't like to talk about my life. Why? An insignificant life, without anything to draw attention, I haven't had great events: neither loves, nor good jobs, or disappointments that pay off comments. I just have learned to read poorly, a little, to sign my name with chicken scratch, to make rudimentary calculations to make ends meet. I have always been a manual worker, changing from a job to another like a convicted person. My work card was signed only once, and even so I only spent three months on that job. I was annoyed about it, I ripped the useless work card and nowadays I am here, a city hall watchman. At least I can count on it, it gives me some security, because I am more than 60 years old, almost retiring, full of rheumatism and aches all over my body.

It's been some time now, they have been willing **to mock** with me, because they invented a very awkward, dishonest and false talk, very false, about me, remembering the time when I bought a donkey from a Ceará state comrade, tamed and trained the prick to pull the cart. It was not easy, because the animal was stubborn, indolent and got bad habits from the former owner. But as time went by, after a hard work, I managed to tame Mimoso - that was the name of the infamous one, who died old. I won some money with him, and with time I got used with its **naughtiness** and even suspected that the irrational animal felt some sympathy towards me. One thing I cannot complain about that donkey: backward kick or kick - this has never happened to me, because the animal got along well with me and he even respected me.

As I was saying about my worries about this group of unemployed people who kept hanging around... They tell an unfortunate fact about the time I was a cart load driver; that's why I remembered about Mimoso. That's right. But things did not happen the way they have been **tittle-tattling** around in a **mockery** way, bad jokes that already become fashionable. Imagine that the radio announcers even mention this story to entertain their listeners, that's the case of those foul-mouthed guys, Pai Velho and Pai-d'Égua. They start **talking rubbish** from five o'clock in the morning annoying everyone's lives. And every christian person in this city does turn the radio on to listen to them. There are people who wake up earlier just to get the ear attached to the appliance and laugh of those slanders. Any day I will invade Rádio Difusora and break those microphones. You can write and believe in my words.

But what happened in fact was the following: I was close to the São José Fortress along with the other cart drivers, everybody in a great relaxation, chatting, smoking cigarettes and waiting for some **freight** work, when a beautiful brunette has passed by, drawing everyone's attention. And there were whistles and **jests**... I also manifested myself, I was enviously looking that **Mrs. So-and-so** because I am neither a **gay** nor a sucker. But everybody had messed with her. Later on a fellow showed graup and asked: "Who is the guy called Mucura?" I, joyful, approached him, thinking of work and also asking back: "How many loads, boss?" The man, taller and stronger than me - because I have always been so puny - punched my face and I was thrown on the cart. If my workmates hadn't run to help and prevented the guy, he would have beaten me up. Even now I am disgusted only to remember that all the mob **teased** to the lady, but only I paid the piper. Perhaps because I was the most famous cart load driver of that time when there were no such noisy cars in the city. But do you know what these clowns have been **tittle-tattling** for a long time? That I ran, ran away, shat my pants. This is not true, because I have always been a man. I got beaten, I do not deny. But I got beaten because I am **too much** a man! Anyone who knows me, knows that I am like this!

The last note

December, noon, much hunger and thirstiness. The sweat was bursting up from Manoel's skin. He felt like stopping, but he had to finish as soon as possible that job that was taking several weeks now. He had never seen a land so full of ants before, those **fire ants** type, which the bite hurt and itched terribly. Even at those unfavorable conditions, what really worried and astounded him was his hovel, a run-down place where he lived in because he had never had his own house. The day the boss got unsatisfied with his services, he would be sent away because that was the inhuman way his boss acted. When one of his employees were not useful to him anymore, they were simply sent out of the land without any rights of restitution. Even belonging to a Union, he knew that workers like him could do almost nothing against the rich and powerful ranchers, who friends of the politicians.

When he finished to work the land, he should wait the time for harvesting and divide the production with the owner of the property. He could do almost nothing with the remaining of this unfair division. Only the bills at the **greengrocery** would cost most of the money earned. In the end he was always in debt with the seller.

That day, when he got home, his wife came immediately telling him:

-Juquinha is sick. It must be an **evil eye**.

- I don't think so: It is worms! Roundworms. This boy walks barefoot all day long, eats clay, eats crap.

- And what are we going to do?

- I don't know. I don't have a penny. I will try to buy some medicine **on the cuff**.

- Will the chemist serve you?

- I don't know.

- I could talk to Ms. Matilde

- I don't **put confidence** in the medicine that this old woman makes.

- You are a man who does not believe in anything. **What the heck!** Manoel went to the drugstore.

- I can only serve you if you have the prescription – told him the owner, trying to avoid the credit sale.

At a doctor's office, after waiting for almost four hours, the doctor wrote some chicken scratches in a sheet of paper and explained it to him:

- You will have to get these exams. This is the only way for me to know what the boy has and to prescript the appropriate medication.

After collecting the material he got a ride to the laboratory – that was in the nearby city. But the attendant explains to him:

- We are not consulting to the workers from FUNRURAL. But if you get an order from the mayor of your city or some politician you can come back.

In the presence of the receptionist of the city hall he was informed that the mayor was travelling and would only return in one week.

- And can no one else solve the problem when he is busy?
- Sometimes the secretary can find a way.

But the secretary explained: an order to exams could only be gotten from the mayor. Manoel returned home, discouraged, and found his son worse than before. After talking to his wife, he accepted that she could try Ms. Matilde's homemade medicine, who was also a **traditional healer**, and could put bones back in their positions and make some other "medical" services. Two days later the boy got better.

Christmas day was coming closer. The mayor, already in the city, announced through a car sound that Santa Claus would distribute gifts to the poor children. Juquinha, who had no toys, got very happy with the perspective of receiving one from Santa's hands. He asked his father to write a small note in a piece of paper, that was sent to the city hall.

At the great night the crowd was pushing and squeezing near a stage that was set up in the middle of the square. The parents received the gifts, gave them to their children and they all left happy. The mayor's fat wife read the names of the boys with a kind of irony. Manoel's wife was waiting, anxious, the moment that Juquinhas's name would be read. As time went by the mother got worried. When there were no more gifts, the first lady asked for silence and said:

- This is the last piece of paper for Santa. Here is the name of Juquinha. Unfortunately there is not a single toy to be distributed. Now, only next year. I wish you all Merry Christmas!

With the eyes full of tears, Manoel's wife picked up the piece of crumpled paper, and confirmed that it was really from her son. They both came back home – the boy sad and with a long look at the other children's toys.

Liar rooster

Trovoada, many years old, kind of slow, almost invalid, but obedient, docile, the temper of an animal that had already got used to the spartan equine work. It was a worthy horse once, father of many colts and it also made part on a police episode when he was stolen, once, by a guy called Gerônimo, an infamous **abactor** that made the life of small farmers from the Baixada a hell. Januário, fifty and some years old, the current owner, was a small man, backbone kind of curved, arms away of the body, beard always to be shaved, wet bird walk, wet by an all day long rain. He wore a leather hat, already threadbare, blackened and **threadbare**, that even served as a cup to quench the thirst when he was in the field, hobbled, with a throat dry, almost passing out while working with the cattle.

Januário raised about two dozens of cattle, some piglets and chickens. He woke up early, even when he was sleepy or with a hangover – sometimes he did not even sleep because he would stop drinking and go straight to the stockyard. He held the cows, squeezed the teats, gushing the milk into an old bucket that his wife **scoured** every day with **carap soap** and babaçu coconut husk. After, the milk was put into those tiny glass bottles and closed with a wood stopper or a cork.

The boy Piaba, 14 years old, the younger brother, delivered the product in the houses of the parishes. For that, he used a donkey called Peidão, who got this infamous nickname because of his bad habit on pulling out farts repeatedly. Even though, Peidão was very respected at those **regions**: He had already won two donkey races. As a reward, the boy got a radio and a polo shirt. The boy knew all the ways **to get the hang of** the animal and he used a malicious artifice to obligate Peidão to run faster than the other donkeys: he had put a small branch with thorns under the tail of the donkey so, when he felt the poke, he **rushed** so fast and left the other donkeys behind.

Januário had a daughter, Rosinha, married to Diomar. The couple owned a bar, that was near the Cabeça de Porca cabaret. And Januário, who liked to drink **firewater**, usually went to his daughter small **mom and pop store** when had no money. Arriving there, usually at the beginning of the night, everybody knew they would spend all the night without sleeping. He used to sit in a little stool, by the counter, asked for a liter of the firewater from the region and would only stand up right before dawn. He talked a lot of nonsenses, spoke bad things of politicians, of cuckolds, spitted out everywhere around him and also got angry when his daughter advised him:

- Daddy, go home and rest, we're in the small hours. Aren't you hearing the rooster crowing? The sun is going to rise.

- Nonsense, my daughter. This is a liar rooster, prick and shit maker. These roosters nowadays don't crow at the right time, because the world is always upside down. In my time, the rooster only started to crow at early morning, in the right time. Otherwise, it was a sign of disgrace, some bad warning. After the man put his foot on the moon I don't believe in anything else, especially this liar rooster.

And Januário, who had become in the city as Liar Rooster, kept drinking his firewater until the sunrise.

4. Considerações finais

A contribuição deste trabalho é importante para o desenvolvimento da cultura de tradução, principalmente para o meio acadêmico de estudantes de línguas estrangeiras, em especial os de língua inglesa do Estado do Amapá. Os estudos sobre tradução estão em constante crescimento, e acreditamos que este trabalho possa ser significativo na caminhada para um possível consenso entre tradutores locais, já que o objetivo principal foi a proposta de um glossário contendo expressões em português, abrangendo o contexto regional amapaense e nortista, com suas proposições de significados em língua inglesa. Dessa forma, o desenvolvimento do estudo foi pertinente ao possibilitar uma análise de como traduções são realizadas, sejam elas profissionais ou não, permitindo assim um olhar mais aprofundado em relação ao exercício desta atividade que por sua vez não é um processo simples, exigindo uma gama de conhecimentos científico-culturais e práticos em sua execução e, evidenciando, ainda mais, o ofício do tradutor.

De forma abrangente, as discussões realizadas acerca da pesquisa feita nos contos, dicionários e teóricos estudados, demonstraram resultados importantes, mas não definitivos, haja vista, sobretudo, se tratarem de proposições de significados de palavras e expressões da língua materna para outra língua, que ao serem analisadas minuciosamente mais se aproximavam do significado contextual em questão. Sendo assim passíveis de mudanças em estudos posteriores neste mesmo segmento, já que um aspecto bastante frisado é o fato de que as dificuldades e escolhas a serem feitas no meio desse processo de tradução são reais, fazendo com que cada tradutor seja único, podendo ou não deixar sua marca registrada no texto traduzido.

A confecção da proposta de glossário foi idealizada de acordo com o objetivo inicial de fazer com que o mesmo seja basilar para estudos posteriores, já que os motivos remontam ao processo de escolhas de cada palavra ou expressão propostas. Mais além, houve de fato a tradução dos contos selecionados utilizando estas palavras e expressões que têm a responsabilidade de conduzir a carga semântica dos textos. Em termos de estrutura textual, o gênero conto foi preservado, bem como a estilística do autor dos contos em língua original. A seleção lexical analisada como regional extraída dos contos de Paulo Tarso, Imortal da Academia Amapaense de Letras, foi idealizada pelo fato unânime de corroborar com os aspectos básicos da pesquisa, englobando palavras e expressões que raramente são utilizadas nos gêneros formais da língua. Pelo fato de o autor possuir uma marca estilística que o

acompanha desde os textos escritos no Maranhão e que ganharam consistência lexical peculiar amapaense assim que o mesmo radicou-se no Estado, trazendo tipicamente, além do vocabulário da norma culta padrão da língua, uma gama de palavras regionais que deram aos seus textos a tipologia característica regionalista em poemas, contos, romances, etc. Logo a justificativa principal da utilização do *corpus* textual presente no livro em questão se dá através da identificação e contextualização do autor com a proposta idealizada, enriquecendo significativamente a intenção dos pesquisadores envolvidos de iniciar um trabalho que amplie gradativamente os limites de extensão da Universidade, ao abordar aspectos linguísticos inerentes ao nicho dos indivíduos do qual fazem parte e o ambiente de pesquisa nos Estudos de Tradução que direcionem a novos trabalhos continuamente. A pesquisa foi delimitada em função da proposta temática e obteve resultados relevantes para a motivação de pesquisa futura. Consideramos ser um passo importante na seara dos estudos da tradução no estado do Amapá, pois estudos posteriores poderão avançar mais ostensivamente no universo de centenas de palavras e expressões regionais amapaenses com registro formal na língua escrita, podendo utilizar este trabalho como referência.

A abertura de horizontes de pesquisa através deste trabalho nos permitiram diversas suposições que não seriam possíveis sem a iniciativa da tarefa tradutória, como por exemplo, uma pesquisa que analisasse relatos de leitores de língua inglesa ao entrar em contato com os contos traduzidos presentes nesse trabalho, ou ainda que criassem um paralelo de língua franca no cenário literário para expressões da Literatura Amazônica. Dessa forma a proposta de glossário realizada, bem como as traduções dos contos, incorpora o espírito de continuidade dos trabalhos utilizando elos entre os cenários culturais regionais e difunde os costumes, tradições e culturas de um povo através da sua língua.

A constatação desses aspectos sociais para a comunidade linguística deve ser considerada uma grande realização, tanto para os estudos na área da tradução quanto para o sentimento de identidade da própria sociedade, ao ver parte da sua composição apresentada ao universo da língua inglesa, conduzida ao nível internacional. Que essa seja a porta de entrada para novos caminhos de expansão na pesquisa linguística dos estudos da tradução como ferramenta de representatividade cada vez mais recorrente e contínua em ambientes acadêmicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBIR, Amparo Hurtado. *Traduccion y traductología: introducción a la traductología.* / Amparo Hurtado Albir. – 2ª ed. Madrid, Cátedra, 2004.

ALVES, Fábio. **Traduzir com Autonomia: Estratégias para o tradutor em formação.** / Adriana Pagano, Célia Magalhães, Fábio Alves. – 4.ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar.** / Marli Eliza Dalmazo Afonso de André. – 18ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012. – (Série Prática Pedagógica)

ARAÚJO, Cléo Farias de; ARAÚJO, Maria Zenaide Farias de. **Dicionário de Amapê – A língua falada no Estado do Amapá.** / 2. ed. rev., atualiz. e ampl. – Macapá: CLÉOZEN EDITORA LTDA., 2012.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução, a teoria na prática.** / Rosemary Arrojo. 4ª ed. - São Paulo: Ática, 2000.

BAKER, Mona. **Library of Congress Cataloging - in - Publication Data Routledge encyclopedia of translation studies.** / Edited by Mona Baker. Includes bibliographical references and index. 2000.

CAMPOS, Geir, 1924 – 1999. **O que é tradução.** / Geir Campos. - São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção primeiros passos; 166).

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** / Antonio Chizzotti. – São Paulo: Cortez, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1910- 1989). **Dicionário da língua portuguesa.** / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos... [et al.]. 4. ed. rev. ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. **Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da língua portuguesa.** / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 3. ed. totalmente revista e ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GADELHA, Marcus. **Dicionário de cearês.** / Marcus Gadelha. Fortaleza: Multigraf, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** / Antonio Carlos Gil. 6. ed. – 3. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2010.

HOUAISS, Antônio (1915-1999); VILLAR, Mauro de Salles (1939 -). **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. / Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

_____. **Dicionário Houaiss Conciso**. / Instituto Antônio Houaiss, organizador; [editor responsável Mauro de Salles Villar]. – São Paulo: Moderna, 2011.

HORNBY, Mary Snell; POCHHACKER, Franz; KAINDL, Klaus. *Translation studies: an interdisciplinary*. / Mary Snell Hornby; Franz Pochhacker; Klaus Kaindl. - 2 vol. Vienna: Library of Congress Cataloging - in - Publication, 1992.

JAKOBSON, Roman. “*On Linguistic Aspects of Translation*”. / Roman Jakobson. 1975.

_____. **Linguística e Comunicação**. / Editora Cultrix e Universidade de São Paulo, São Paulo, 1969.

LEFEVERE, André. *Translating literature: practice and theory in a comparative context*. / Andre Lefevere. New York: Modern Language Association of America, 1992.

LORSCHER, W. *Translation performance, translation process and translation strategies*. Tübinge, Narr, 1991.

Michaelis: dicionário prático inglês. – 2 ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009. – (Michaelis prático)

NEWMARK, P. *A textbook of translation*. / Peter Newmark. - London: Prentice Hall, 1988.

_____. *A text of Translation*. / Peter Newmark. Phoenix. Elt. 1995.

NIDA, E. A., *Toward A Science of Translating* / Eugene Albert Nida. - Leiden: Brill, 1964.

OUSTINOFF, Michaël, 1956 - **Tradução: História, teorias e métodos**. / Michaël Oustinoff; tradução: Marcos Marcionilo - São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

Oxford Advanced Learner’s Dictionary of Current English. / Oxford University Press. 8th ed. 2010.

PAGANO, Adriana. **Traduzir com Autonomia: Estratégias para o tradutor em formação**. / Adriana Pagano, Célia Magalhães, Fábio Alves. – 4.ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

PERINI, Mário Alberto. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. / Mário Alberto Perini. São Paulo: Parábola Editorial: 2004.

SANTOS, José Luiz dos, 1949 - **O que é cultura** / José Luiz dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 2006. - (Coleção primeiros passos; 110)

SOBRAL, Adail. **Dizer o ‘Mesmo’ a Outros: ensaios sobre tradução.** / Adail Sobral – São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

SOUZA, Manoel Azevedo de. **Imagens, memórias e discursos: a construção das identidades amapaenses no Jornal Amapá – 1945 a 1968.** / Manoel Azevedo de Souza. – Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

VENUTI, Lawrence. *The Translator’s Invisibility: A History of Translation.* / Lawrence Venuti. - London; Routledge, 1995.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários – uma pequena introdução à lexicografia.** / Herbert Andreas Welker. – 2. ed. revista e ampliada – Brasília; Thesaurus, 2005.

_____. **O uso de dicionários: panorama geral das pesquisas empíricas.** / Herbert Andreas Welker. – Brasília; Thesaurus, 2006.

WYLER, Lia. **Língua, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil.** / Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

Materiais virtuais disponíveis em:

<http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1056/1/Estrat%C3%A9gias%20de%20leitura%20-%20Skimmig%20e%20Scanning_Camila%20Hofling.pdf>

<<https://joaosilvaap.wordpress.com/2012/12/03/paulo-tarso-barros-lanca-mais-um-livro-de-poesia>>

<<http://j-p-s-ltf-eterna-estudante.blogspot.com.br/2009/12/biografia-e-obra-de-paulo-tarso.html>>

<<http://profmarcioalexgeo.blogspot.com.br/2011/06/manifestacoes-culturais-do-amapa.html>>

<www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22092>

<www.escritoresap.blogspot.com.br>

<www.dicionarioinformal.com.br>

ANEXO I

(Textos em língua-fonte)

Um susto

Certa madrugada de quase inverno, um bruxo-poeta aposentado passeava pela orla ribeirinha de Macapá. Melancólico, andava cheio de reminiscências dos ancestrais europeus, que foram queimados, torturados, esquartejados e sofreram todo azar de perseguições. Antes do costumeiro passeio, estivera relendo alguns manuscritos seculares, sempre imperfeitos e inacabados, ora escritos em grego, ora na extinta linguagem cifrada dos alquimistas - e só compreendidos por meia dúzia de seres espalhados pelo mundo. Mesmo sabendo da inutilidade daqueles apontamentos, que já consumiam dezenas e mais dezenas de livros enormes e de capa negra, persistia em continuar escrevendo, comentando os acontecimentos do mundo e registrando os devaneios da imaginação. Apenas alguns poemas herméticos e inocentes eram publicados discretamente em opúsculos numa impressora arcaica que comprara na Alemanha no ano de 1888. Não divulgava uma única linha sobre a biografia do autor. Embora jovem, pois contava pouco mais de três séculos, vivia solenemente só e infeliz como um animal exótico, um ser alienista.

De repente, um lobisomem, foragido do manicômio de espécies híbridas da Amazônia, atacou-lhe pelas costas, derrubando-lhe dentro das águas sujas e frias da madrugada. Foi então que ele decidiu, com raiva e dor, deixar de ser um bruxo aposentado – ademais, a previdência social da categoria, além de clandestina, estava absolutamente falida. Pseudosbruxos, políticos infames e até religiosos se apoderaram de grande parte dos recursos. No Congresso Nacional não havia mais nenhum representante legítimo da categoria. Por isso, naquele momento, todo molhado e sujo de lama, ouvindo os gritos e uivos histéricos do lobisomem ensandecido, reassumiu seus poderes, fez alguns gestos histriônicos, liberou energias invisíveis e semiadormecidas, e atingiu o rosto peludo e pelancudo do velho e paranoico lobisomem, que fugiu desesperado. O quase bicho-homem, como a friagem, foi absorvido pela escuridão, talvez se desencantando para sempre.

Quantas carradas, patrão?

Olha, não sou de falar da minha vida. Por quê? Vidinha insignificante, sem nada de chamar a atenção, não tive grandes nadas: nem amores, nem bons empregos, nem decepções que valham a pena comentar. Só aprendi a ler precariamente, pouquinho, assinar o nome com garranchos, fazer continhas rudimentares para ganhar a vida. Fui quase sempre trabalhador braçal, pulando de um serviço para outro feito um condenado. Minha carteira só foi assinada uma única vez, e assim mesmo passei três meses nesse emprego. Me aborreci, rasguei a inútil e atualmente estou aqui, vigia de depósito da Prefeitura. Pelo menos é garantido, me dá certa segurança, pois já estou com quase sessenta anos, prestes a me aposentar, cheio de reumatismos e dores pelo corpo.

Agora, de uns tempos para cá, eles estão querendo avacalhar comigo, pois andaram inventando uma conversa muito esquisita, mentirosa e falsa, muito falsa, a meu respeito, lembrando da época em que eu comprei um burro de certo camarada cearense, amansei e treinei o cretino para puxar carroça. Não foi fácil, pois o animal era tinoso, indolente e foi mal-acostumado pelo antigo dono. Mas com o tempo, depois de uma trabalhadeira, consegui domar Mimoso - pois esse era o nome do infame, que morreu de velhice. Ganhei um dinheirinho com ele, me acostumei com as suas safadezas e até desconfiava de que o irracional nutria por mim certa simpatia animal. De uma coisa não posso me queixar daquele burro: coice ou patada - isso nunca me aconteceu, pois o bicho era de boa convivência e até me respeitava.

Como eu ia dizendo sobre meus aborrecimentos com essa turma de desocupados, que vive zanzando por aí... Eles contam um fato lamentável do meu tempo de carroceiro; por isso relembrei do Mimoso. Pois é. Mas as coisas não aconteceram da maneira como andam espalhando por aí com jeito de gozação, piada de mau gosto e que já virou moda. Imaginem que os locutores de rádio até citam essa história para divertir os ouvintes, como é o caso daqueles desbocados, Pai Velho e Pai-d'Égua. Eles começam a falar besteira desde as cinco horas da manhã atazanando a vida da gente. E tudo quanto é cristão nesta cidade ainda liga o rádio para ouvir. Tem gente que acorda mais cedo só pra ficar de ouvido grudado no aparelho e rindo com aquelas difamações. Qualquer dia eu vou invadir a Rádio Difusora e quebrar aqueles microfones. Vocês podem escrever o que eu estou afirmando.

Mas o que sucedeu de verdade foi o seguinte: eu estava nas proximidades da Fortaleza de São José junto com os demais carroceiros, todos na maior descontração, batendo papo, fumando um cigarro e aguardando algum serviço de frete, quando passou uma bela morena, chamando a atenção de todo mundo. E foram assobios, gracinhas... Eu também me manifestei, passei o olho gordo na fulana que não sou fresco nem otário. Mas todo mundo mexeu. Mais tarde apareceu um sujeito e foi perguntando: "Quem é o tal do Mucura?" Eu, alegre, me aproximei, já pensando num serviço e fui logo fazendo a contra pergunta: "Quantas carradas, patrão?" O homem, mais alto e mais forte do que eu - pois sempre fui assim, franzino - desferiu um soco na minha cara que me jogou por cima da carroça. Se os companheiros não me acudissem e impedissem o sujeito, ele tinha me batido bastante. Até hoje eu fico revoltado só de me lembrar de que a corriola toda mexeu com a distinta, mas só eu paguei o pato. Talvez por que eu fosse o carroceiro mais famoso daquele tempo quando ainda não existiam esses carros barulhentos na cidade. Mas sabem o que esses palhaços andam espalhando desde muito tempo? Que eu corri, fugi, caguei na calça. Isso nunca, pois macho sempre fui. Apanhei, não nego. Mas apanhei porque sou macho pra caramba. Quem me conhece sabe que eu sou assim!

Último bilhete

Dezembro, meio-dia, muita fome e sede. O suor brotava da pele de Manoel. Ele sentia vontade de parar, mas tinha que concluir o mais depressa possível aquele serviço, o qual já durava várias semanas. Nunca vira uma terra tão cheia de formigas, daquelas de fogo, cujas picadas doíam e coçavam terrivelmente. Mesmo naquelas condições desfavoráveis, o que mais o preocupava e o deixava cismado era o seu casebre, o precário lugar onde morava, pois jamais possuía uma residência própria. No dia em que o doutor ficasse insatisfeito com ele, seria mandado embora, pois era sempre dessa maneira desumana que o patrão agia. Quando um empregado não lhe servia mais, simplesmente era expulso da terra sem direito a nenhum tipo de indenização. Mesmo sindicalizado, sabia que trabalhadores iguais a ele quase nada podiam fazer contra os fazendeiros, ricos e poderosos, amigos dos políticos.

Quando terminasse de lavrar a terra, era esperar o tempo de colher e dividir a produção com o dono da propriedade. A sobra dessa partilha injusta não dava para fazer quase nada. Só as contas na quitanda consumiam a maior parte do dinheiro apurado. Acabava sempre devendo ao comerciante.

Naquele dia, ao chegar a casa, sua mulher foi logo lhe informando:

- Juquinha está doente. Só pode ser quebranto.

- Coisa nenhuma: é verme! Lombriga. Esse menino anda descalço o dia inteiro, come barro, come porcaria.

- E o que nós vamos fazer?

- Não sei. Estou sem um centavo. Vou tentar comprar um remédio fiado.

- Será que o farmacêutico vai atender?

- Não sei.

- Eu posso falar com dona Matilde.

- Aqueles remédios que essa velha prepara eu não boto fé, não.

- Você é um homem que não acredita em nada. Que diacho! Manoel foi à farmácia.

- Só posso atender com receita médica - disse-lhe o dono, querendo livrar-se do fiado.

No consultório, depois de esperar quase quatro horas, o médico escreveu uns garranchos num papel e lhe explicou:

- Vai ter que providenciar estes exames. Só assim saberei o que o menino tem e receitarei a medicação adequada.

Ao recolher o material, foi de carona até o laboratório - que ficava na cidade vizinha. Mas a atendente lhe explica:

- Não estamos atendendo aos conveniados do FUNRURAL. Mas, se o senhor conseguir uma ordem do prefeito da sua cidade ou de algum político pode voltar.

Na presença da recepcionista da prefeitura foi informado de que o prefeito estava viajando e só retornaria uma semana depois.

- E ninguém mais pode resolver esse problema na ausência dele?

- Às vezes o secretário dá um jeito.

Mas o secretário explicou: ordem para exames só poderia ser obtida com o prefeito. Manoel retornou para casa, desanimado, e encontrou o filho pior. Após conversar com a mulher, consentiu que ela recorresse aos remédios caseiros de dona Matilde, também benzedeira, colocava ossos no lugar e praticava outros serviços “médicos”. Dois dias depois o menino melhorou.

Vinha chegando o dia de Natal. O prefeito, que já estava na cidade, mandou avisar pelo carro de som que Papai Noel iria distribuir presentes para as crianças carentes. Juquinha, que não possuía brinquedos, ficou bastante feliz com a perspectiva de receber um das mãos de Papai Noel. Pediu ao seu pai para escrever um bilhetinho num pedacinho de papel, que foi encaminhado para a prefeitura.

Na grande noite a multidão se espremia diante de um palco armado no meio da praça. Os pais recebiam os presentes, entregavam aos filhos e todos saíam contentes. A gorda esposa do prefeito lia os nomes dos meninos com uma certa ironia. A mulher de Manoel aguardava, ansiosa, o momento em que o nome do Juquinha fosse lido. À medida que o tempo passava, a mãe ficava preocupada. Quando não havia mais presentes, a primeira dama pediu silêncio e falou:

- Este é o último bilhete para Papai Noel. Aqui está o nome de Juquinha. Infelizmente, não há mais um só brinquedo para ser distribuído. Agora, só no ano que vem. Um feliz Natal para todos vocês.

Com os olhos cheios de lágrimas, a mulher de Manoel juntou do chão o bilhetinho amassado, confirmou que realmente era o do seu filho. Voltaram os dois para casa – o menino triste e com o olhar comprido nos brinquedos das outras crianças.

Galo mentiroso

Trovoada, já muitos anos de vida, meio lerdo, quase caducando, mas obediente, dócil, temperamento de animal que já se acostumara com as espartanas labutas equinas. Foi cavalo de valor antigamente, pai de muitos potros e até protagonizou episódio policial, quando foi roubado, certa vez, por um elemento chamado Gerôncio, famigerado abactor que infernizava a vida dos pequenos criadores da Baixada. Januário, cinquenta e poucos anos, o dono atual, era um homem miudinho, coluna meio arqueada, braços um pouco afastados do corpo, barba sempre por fazer, andar de pássaro molhado, dia e noite chovido. Usava chapéu de couro, já gasto, empretecido e puído, que até servia de caneca para matar a sede quando estava no campo, estropiado, de goela ressequida, quase desmaiando na lida do gado.

Januário criava umas duas dúzias de reses, uns leitões e galinhas. Cedo acordava, mesmo tinindo de sono e de ressaca - às vezes nem mesmo dormia, pois largava a bebedeira e se dirigia ao curral. Prendia as vacas, espremia as tetas, fazia jorrar o leite dentro de um balde velho que a mulher ariava todos os dias com sabão de andiroba e casca de coco babaçu. Depois, o leite era colocado naquelas garrafinhas de vidro e tampadas com rolha de madeira ou cortiça.

O moleque Piaba, 14 anos, caçula, saía entregando o produto nas casas da freguesia. Para isso, usava um jumento de nome Peidão, que ganhara esse apelido infame por causa do seu péssimo costume de soltar flatos amiudemente. Apesar disso, Peidão era bastante respeitado naquelas paragens: já ganhara duas corridas de jegues. Como premiação, o menino recebera um rádio e uma camisa de malha. O moleque conhecia todas as manhas do animal e utilizara um artifício malicioso para obrigar Peidão a correr mais do que os outros concorrentes: colocara um pequeno galho cheio de espinhos debaixo do rabo do jumento que, ao sentir-se espetado, desembestou na maior correria e deixou os demais jegues para trás.

Januário tinha uma filha, Rosinha, casada com Diomar. O casal era dono de um boteco, que ficava perto do cabaré Cabeça da Porca. E Januário, que gostava de beber cachaça, quando não tinha dinheiro geralmente procurava o pequeno comércio da filha. Em lá chegando, geralmente no comecinho da noite, todos já sabiam que iriam passar a noite inteira sem dormir. Sentava-se num banquinho, ao pé do balcão, pedia um litro de aguardente da terra e só levantava antes de o dia clarear. Dizia cada besteira, falava mal dos políticos, dos corneados, cuspiam tudo ao redor de si e ainda ficava zangado quando a filha lhe aconselhava:

- Papai, vá para casa descansar, já é madrugada. O senhor não está escutando o galo cantar? O dia já vai amanhecer.

- Que nada, minha filha. Isso é galo mentiroso, cretino e cagão. Esses galos de hoje em dia cantam fora de hora, pois o mundo vive de pernas para o ar. No meu tempo, galo só começava a cantar de madrugada, na hora certa. Caso contrário era sinal de desgraça, algum aviso ruim. Depois que homem botou o pé na lua, eu não acredito em mais nada, principalmente nesse galo mentiroso.

E Januário, que ficou conhecido na cidade como Galo Mentiroso, continuava a beber sua cachaça até o dia clarear.